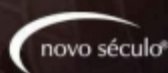


OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
dos Buquês
Bizarros

NANCY SPRINGER

novo século®

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
dos Buquês
Bizarros

NANCY SPRINGER

novo século®



O caso dos buquês bizarros



NANCY SPRINGER



O caso dos buquês bizarros



The case of the Bizarre Bouquets: an Enola Holmes Mystery

Copyright © 2008 by Nancy Springer

First published in the United States of America by Philomel Books,
a division of Penguin Young Readers Group, 2006

Published by Puffin Books, a division of Penguin Young Readers Group, 2007

All rights reserved

Copyright © 2010 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século

Editoração Eletrônica: Fama Editora

Capa: Rodrigo Valpassos

Tradução: Paulo Ferro Jr.

Preparação de Texto: Ana Cristina Teixeira

Revisão: Cátia Almeida

Diagramação para ebook: Janaína Salgueiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Springer, Nancy

O caso dos buquês bizarros / Nancy Springer ; [traduzido por Paulo Ferreira Junior]. –

Osasco, SP : Novo Século Editora, 2010.

Título original: The case of the bizarre bouquets.

ISBN 978-85-767-9395-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

10-08732 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2010

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à

Novo Século Editora Ltda.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar

Osasco – SP – CEP 06023-010

Tel. (11) 3699-7107

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

Para minha mãe



Perto demais do conforto



Analizando o espinheiro-alvar de perto, vi que os galhos, cheios de espinhos, enrolavam-se em torno das gavinhas de uma trepadeira, cujas delicadas flores brancas já haviam murchado.

Uma trepadeira.

Com um tipo de flor-trombeta, a trepadeira era tão comum como os pardais nas cercas vivas que surgiam no campo quando chegava o verão. E devia ter sido plantada ao lado do espinheiro-alvar, para que suas ramagens se apoiassem e se entrelaçassem.

Trepadeira? Mais conhecida como convólculo, essa planta indica algo enrolado – algo furtivo, enredado, retorcido.

E este sinistro buquê, parece-me, veio de uma mente retorcida. Eu tinha que descobrir...

Porém, quando me virei para perguntar mais detalhes para a Sra. Watson, a porta se abriu de repente e, sem esperar que a criada o anunciasse, um homem alto, impetuoso e impecavelmente vestido se aproximou a passos largos, quase voando, parecendo um falcão por conta do perfil afiado de seu rosto: o Sr. Sherlock Holmes.

Março, 1889

Loucos não têm bom-senso, pensa a enfermeira-chefe, mas é a falta de bom-senso que desarranja as mentes deles, não é? Por exemplo: esse novo interno, se tivesse algum, estaria se exercitando com os outros no jardim, neste belo dia ensolarado, o primeiro dia de verdade de primavera; estaria seguindo as instruções (Levante-se e fique ereto! Respire fundo! Levante os olhos e contemple as glórias do firmamento! Agora, marche! Pé esquerdo primeiro, um-dois-três-quatro!), e estaria fazendo algum bem para si próprio, mas em vez disso...

– Me deixem sair – ele exige pela, talvez, centésima vez. – Eu sou um inglês! Esse tratamento dispensado a um cidadão britânico simplesmente não pode ser tolerado.

Apesar de seu tom de raiva, ele não xinga, e ela gosta dele por isso; inclusive em seus piores momentos, quando lutou com os guardas, quando deixou o diretor de olho roxo, mesmo naqueles momentos, ele não disse um só palavrão. E nem está xingando agora, apenas reclama com veemência.

– Me deixem sair. Eu exijo meus direitos como leal subalterno da rainha. Me deixem sair desse caixão maldito, já disse!

– Isto não é um caixão, Sr. Kippersalt – responde a chefe das enfermeiras, com um tom entediado, mas calmo, sentada em uma cadeira de madeira desconfortável e acolchoada por sua própria corpulência, enquanto tricota uma meia abandonada em seu colo. – A tampa e o fundo lembram um caixão, mas o senhor sabe muito bem que um caixão não teria esses veios talhados nas laterais para que seja possível respirar e para que eu possa ver que não está com nenhum problema...

– Não estou com nenhum problema? – inesperadamente, o homem deitado na caixa de imobilização com aparência de caixão começa a rir. Ao som de sua risada, a enfermeira-chefe perde um ponto, franze a testa e coloca as agulhas de lado, pegando com as mãos papel e caneta.

– Não estou com nenhum *problema* dentro deste dispositivo perverso? – o homem grita em meio aos uivos de uma risada enlouquecida.

– O senhor não parece estar fisicamente indisposto – responde a enfermeira-chefe, com uma gentil dignidade. – E está deitado em um colchão de palha limpo, podendo mudar de posição, movimentar as mãos. Certamente é preferível o cercado à camisa de força.

– Um cercado! É *assim* que chamam isto! – o homem ainda ri, sem nenhuma boa razão para isso.

A enfermeira o observa com os olhos entreabertos, sabendo que deve tomar cuidado; ele pode ser extrema e inesperadamente ágil para um camarada tão corpulento. Por muito pouco, não conseguiu chegar até a cerca.

Em seu recém-começado diário de anotações a respeito do Sr. Kippersalt, ela escreve a data, a hora e, em seguida, *Paciente ri em aparente histeria*. Notas anteriores declaram que o Sr. Kippersalt resistiu bravamente em colocar o uniforme cinza de lã, enquanto seus pertences eram retirados para serem guardados; que recusou a comida; que sua urina é clara e limpa, que seus intestinos funcionam bem e que aparenta ter uma natureza limpa; que ele não mostra nenhuma deformidade na cabeça, troncos ou membros; que demonstra ter alguma inteligência; e que usa um lençinho de bolso.

– Um cercado, como se estivessem tirando minha liberdade?

– a risada nervosa do homem silencia.

Um homem de meia-idade, de aparência conservada, um tipo corajoso. Ele acaricia o bigode com os dedos, como para se acalmar, ou pensar.

Quando vai me deixar sair?

Depois que o doutor der uma olhada.

Depois da primeira administração de hidrato de cloral, a enfermeira tinha certeza. Como viciado em láudano ou coisa parecida que era, o médico do manicômio se importava o mínimo com os pacientes, apenas o suficiente para medicá-los.

– Doutor? Eu *sou* um doutor! – o novo interno novamente começa a rir, uivando.

A enfermeira-chefe escreve: *Persiste em suas ilusões de grandiosidade*. Colocando o diário de lado, ela volta a pegar suas agulhas. Fazer o calcanhar de uma meia pode ser a parte mais enfadonha do trabalho, mas é assim que as coisas são quando se é casada com o diretor de um hospício. Sempre há sete coisas para se fazer ao mesmo tempo, nunca há um momento de calma para simplesmente descansar a alma, dar uma volta ou ler o jornal. As enfermeiras precisam de tanta supervisão quanto os pacientes

– a influência de *Florence Nightingale* não chegou até ali – e as ajudantes são sempre ignorantes, na melhor das opções, quando não

são viciadas em alguma coisa, quase sempre em bebida. A enfermeira suspira. Tentando pegar o ponto que havia perdido, ela não consegue evitar um deslize de adulação em sua voz quando responde:

– Um doutor? Isso não é verdade, Sr. Kippersalt. Seus documentos de admissão mostram claramente que o senhor é um comerciante.

– Meu nome não é Kippersalt! Eu não sou a pessoa que dizem que sou! Por que não consigo fazer ninguém deste lugar infernal entender que estou aqui por causa de um equívoco absurdo? Sentindo pousar sobre ela o olhar do homem deitado na caixa parecida com um ataúde, a enfermeira sorri, apesar do seu cansaço.

– Com minha experiência de quase trinta anos, Sr. Kippersalt, os pacientes muitas vezes acreditam que houve um erro, mas nunca há – como poderia haver, quando uma quantia tão considerável de dinheiro havia trocado de mãos? – Veja, por exemplo, cavalheiros como o senhor. Muitos vêm para cá declarando ser Napoleão, que é o mais frequente, mas já tivemos um príncipe Albert, um Sir Walter Drake e um William Shakespeare...

– Estou falando a *verdade*!

– ... e algumas dessas pobres mentes distraídas eventualmente são curadas – a enfermeira-chefe continua falando, ignorando a interrupção. – Mas algumas delas permanecem aqui. É isso que deseja, Sr. Kippersalt? Permanecer aqui pelo resto da sua vida?

– Meu nome não é Kippersalt! É Watson! Mesmo através das barras, ela pode ver o bigode eriçado dele. Com uma brincadeira gentil, ela replica:

– Temos um Sherlock Holmes em outra enfermaria. Imagino que ele gostaria de atestar sua identidade.

– Você está louca! Estou dizendo, eu *sou* John Watson, médico e escritor! Tudo que você precisa fazer é telefonar para a Scotland Yard... Telefone? Como se alguém nesta parte longínqua do norte de Londres já tivesse visto ou usado tal engenhoca? Ligar para a Scotland Yard? Ilusões de grandeza novamente.

– ... e chamar o inspetor Lestrade. Ele confirmará minha identidade...

– Absurdo – a enfermeira murmura. – Absurdo.

Ele realmente acha que o diretor fará qualquer investigação, e devolverá um pagamento tão considerável para soltá-lo? O homem está delirando.

– Agora fique quieto. Shhhh – como se tentasse acalmar uma criança, ela sussurra para ele, preocupada; essa agitação pode fazer seu cérebro ferver, se não abatê-lo logo.

Já faz dois dias e o Sr. Kippersalt continua descontrolado e

irracional como quando o trouxeram. Um caso triste, realmente. A enfermeira-chefe já teve de lidar com muitos lunáticos, mas particularmente deste, ela sente pena, porque ele parece ter tanta bondade em si como se estivesse com seu juízo perfeito.

Capítulo primeiro

É difícil escolher um novo nome para si. Ainda mais difícil, eu imagino, do que escolher o nome para um filho, já que um é confusamente íntimo de si próprio, enquanto o outro é alguém que você sequer conhece até o momento de sua chegada. Alguns caprichos artísticos, sem dúvida, fizeram minha mãe me dar o nome de “Enola”, que, de trás para a frente, se lê *alone* – sozinha, em inglês.

Não pense na sua mãe.

Embora o grande hematoma em meu rosto tenha sumido, aquele ainda maior em meus sentimentos ainda estavam ali. E assim eu permanecia em minhas acomodações no primeiro dia bom e ensolarado de março de 1889. Com papel e caneta na mão, eu me sentei com a janela aberta (como é bem-vindo o ar fresco – até esse tipo que existe em Londres – depois de um longo inverno!), olhando para a efervescente rua do distrito leste de Londres. Uma cena lá embaixo chamou minha atenção. Devido a uma grande quantidade de carneiros de corte atravessando a rua, todos os tipos de veículos, incluindo vagões de carvão, carroças puxadas por burros e carrinhos de mão dos verdureiros, estavam parados; eu podia ouvir os condutores gritando as mais assustadoras ameaças um para o outro. Recrutas do exército, com seus casacos vermelhos, e outros desocupados pararam para olhar, rindo, enquanto um mendigo cego, guiado por uma criança em trapos, tentava passar pela aglomeração, crianças de rua subiram em postes de luz para ver e zombar, e mulheres com xales sujos de fuligem se apressavam em seus afazeres.

Elas – as mulheres sobrecarregadas de afazeres dos cortiços –, ao contrário de mim, tinham um lugar para onde ir.

Olhando para o papel em meu colo, descubro o que tinha escrito:

Enola Holmes

Rapidamente e com força, risquei as palavras, meu próprio nome, aquele que absolutamente não posso usar. Meus irmãos Mycroft e Sherlock, como sabem, não podem me encontrar, pois querem tomar conta de mim e me transformar, por meio de aulas de canto e fantasias similares, em um ornamento para a fina sociedade. Coisa que, legalmente, eles podem fazer. Querem me obrigar a ir para um internato, digo. Ou para um convento, um orfanato, uma academia de

pintura de porcelana para jovens damas, seja lá o que escolherem. Legalmente, Mycroft, o mais velho, pode até me trancar pelo resto da vida em um manicômio. Tal confinamento requeria apenas a assinatura de dois médicos, um dos quais pode ser o “doutor dos loucos” que precisa muito do dinheiro para cuidar do lugar. Esta, mais a assinatura do próprio Mycroft – e eu não duvido que ele fosse capaz de um esquema desses para me privar da minha liberdade.

Escrevi:

Ivy Meshle

O nome que usei durante os seis meses em que fui uma fugitiva, também de mim mesma. “Ivy” que significa *hera* em inglês, a planta que representa fidelidade, e “Meshle” que é uma brincadeira com “Holmes” – *Hol mes, mes Hol, Meshle* –, e eu gostava desse nome; realmente desejava poder mantê-lo. Mas tinha medo, pois descobrira que Sherlock sabia que eu usava Ivy como pseudônimo, quando me comunicava com nossa mãe por meio das colunas pessoais do jornal.

O que mais meu irmão ah-como-ele-é-esperto Sherlock – aquele que, ao contrário do enorme e sedentário Mycroft, realmente está me procurando – sabe sobre mim? O que ele apreendeu no decorrer da nossa, mais do que irregular, relação?

Eu escrevo:

Ele sabe que gosto dele.

Ele sabe que subo em árvores.

Ele sabe que ando de bicicleta.

Ele sabe que me disfarço de viúva.

Ele sabe que me disfarço de mulher pobre, que vende limpadores de bico de pena.

Ele sabe que me disfarço de freira.

Ele sabe que dou, comida e cobertores aos pobres.

Ele sabe que carrego uma adaga em meu corpete.

Ele sabe que já localizei duas pessoas desaparecidas.

Ele sabe que coloquei a polícia atrás dos responsáveis.

Ele sabe que já invadi duas vezes seus aposentos na Baker Street.

Ele sabe que uso o nome Ivy.

Devo supor que ele soube pelo Dr. Watson, que uma jovem chamada Ivy Meshle trabalhou para o primeiro e único vidente científico do mundo.

Suspiro ao escrever este último item, pois realmente admiro o Dr. Watson, embora só tenha encontrado o bom médico três vezes. A primeira, quando ele veio se consultar com o Vidente – um “procurador” profissional de pessoas perdidas – pelo bem de seu

amigo Sherlock Holmes; a segunda, quando fui lhe fazer algumas perguntas e ele me deu brometo para minha dor de cabeça; e a terceira foi quando tive de deixar uma mulher ferida aos seus cuidados. O Dr. Watson era a essência do cavalheiro inglês, galante e robusto, disposto a ajudar todas as pessoas. Eu gostava tremendamente dele, quase tanto quanto gostava do meu irmão.

– Apesar de tudo, eu adorava Sherlock, embora o conhecesse mais por suas histórias populares que seu amigo Watson escreveu, as quais eu lia tão avidamente quanto qualquer pessoa da Inglaterra.

Por que as pessoas com quem sempre me importei são as que mais parecem aprovar minha ruína?

Suspirando, aperto os lábios e traço com o lápis várias linhas grossas por cima de *Ivy Meshle*.

O que virá em seguida?

Não era apenas escolher um novo nome que me desconcertava, era todo esse problema que envolvia o que fazer e quem ser. Dentro de qual tipo de mulher eu deveria me esconder em seguida? Uma plebeia, Mary ou Susan? Muito banal. Mesmo os nomes de flores que adoro, como Rosemary, símbolo da recordação, ou Violet, símbolo da beleza e da virtude escondidas, estavam fora de cogitação, pois Sherlock sabia do código que mamãe e eu usávamos.

Eu também não podia recorrer a um dos meus nomes do meio; tinha, é claro, minha cota usual de nomes nobres e fui batizada de Enola Eudoria Hadassah Holmes. Enola E. H. Holmes –

E.H.H. Eehh. É bem do jeito que me sentia. Hadassah era o nome da falecida irmã de meu pai, o qual Sherlock reconheceria imediatamente, e Eudoria, ainda pior, pois é o nome da minha mãe.

Não que eu me importasse, de maneira alguma, em adotar o estilo de minha mãe. Ou me importava.

– Cruzes! Deus me livre – murmurei maldosamente, escrevendo:

Violet Vernet

Sendo Vernet o nome de solteira da minha mãe, que, novamente, Sherlock reconheceria na hora. Mas quem sabe soletrado de trás para a frente?

Tenrev

Não. Mas e se eu brincar com as letras um pouquinho?

Netver

Never[\[1\]](#)

Every[\[2\]](#)

Ever[\[3\]](#)

Ever? Sempre?

Sempre o quê?

Sempre sozinha?

Sempre abandonada?

Sempre provocadora, disse para mim, severamente. *Sempre continuar sendo... o que eu sou*. Uma rebelde, uma sonhadora, e uma vidente, que encontra o que está perdido. Isso me faz pensar que, como um passo nessa direção, eu deveria tentar um trabalho em alguma publicação na Fleet Street...

Coincidentemente, enquanto penso nisso ouço minha senhoria, que se parece com uma tartaruga, subindo as escadas.

– Os jornais, Srta. Meshle! – ela berra, antes mesmo de chegar ao andar. Sendo surda como um nabo, a Sra. Tupper parece achar necessário fazer muito barulho. Assim me levantei, cruzei o quarto e atirei tudo que tinha escrito no fogo, ela bateu na porta com uma força suficiente para quebrar nozes.

– Os jornais, Srta. Meshle! – gritou na minha cara, no momento em que abri a porta.

– Obrigado, Sra. Tupper – ela não conseguiu me ouvir, é claro, mas pôde ver meus lábios se transformando naquilo que espero ter sido um sorriso quando peguei os jornais das mãos dela.

Entretanto, ela não foi embora. Em vez disso, endireitou seu corpo encurvado até o limite que conseguiria e me olhou fixo com seus olhos lacrimosos.

– Srta. Meshle – declamou com a bravata de alguém que decide realizar um dever moral. – Não é bom que se feche desse jeito. Agora, seja lá o que tenha acontecido, e isso não é da minha conta, mas seja lá o que for, não vale a pena ficar abatida. Hoje, está um dia bonito lá fora, com um tiquinho de sol, e está começando a parecer primavera. Por que não pega seu gorro e vai dar um passeio, pelo menos...

Ou acredito que ela tenha dito algo do tipo. Quase não a ouvi, e lamento dizer que fechei a porta na cara dela, pois meu olhar foi fixgado e se fixou na manchete do *Daily Telegraph*.

Dizia:

**ASSISTENTE DE SHERLOCK HOLMES
DESAPARECE MISTERIOSAMENTE
PARADEIRO DO DR. WATSON
É DESCONHECIDO**

Capítulo segundo

Sem parar para sentar, em pé no lugar em que estava, com minha saia de algodão barato que uso em casa, quase dentro da lareira, leio:

Tais eventos, que certamente irão causar um arrepio de horror na coluna de qualquer pessoa com delicados sentimentos, desdobraram-se em Bloomsbury, com implicações que irão se alastrar por Londres inteira, caso um cavalheiro britânico desaparecido não seja encontrado. Dr. John Watson, um respeitado médico, talvez mais conhecido como companheiro e cronista das aventuras do famoso detetive Sherlock Holmes, desapareceu de forma misteriosa, sem deixar pistas. A primeira coisa que invade os pensamentos dos familiares e amigos do desaparecido, claro, é o terror de que ele possa ter caído nas mãos de algum inimigo criminoso do Sr. Sherlock Holmes, para ser usado como recompensa em algum plano nefasto, ou como refém, ou eliminado em nome de alguma vingança. Alternativamente, cogitou-se que, como ele carrega sua maleta preta que o identifica como médico, pode ter sido atacado por um dos grupos antivacinação do distrito leste. Nenhum tipo de crime pode ser descartado no momento. Tentativas de seguir os movimentos do Dr. Watson na última quarta-feira têm sido feitas, pois nesse dia ele saiu para atender seus pacientes e realizar suas atividades costumeiras, mas não voltou para sua casa e consultório naquela noite. Condutores de táxi estão sendo interrogados...

E assim por diante, palavras demais para descrever, essencialmente, nada. Um desaparecimento não vale a notícia se o nome de meu irmão não puder ser colocado no título. O Dr. Watson deu um beijo de despedida em sua esposa na manhã de quarta-feira; hoje é sexta-feira à tarde, isto é, o bom doutor está sumido há dois dias. Imagino que a polícia deve estar dizendo, justificadamente, que inúmeros eventos inofensivos podem ter causado o sumiço do doutor, e que a qualquer momento uma carta ou telegrama pode chegar explicando onde e porque ele foi detido. “Tentativas estão sendo feitas” significa que a polícia ainda não está investigando, ou o jornal teria publicado o nome do inspetor encarregado. Não, até este ponto são duas as pessoas que realmente estão tentando localizar o Dr. Watson: sua esposa e seu amigo, meu irmão Sherlock Holmes.

E agora há mais uma: eu.

Mas espere. E se o desaparecimento de Watson foi arranjado por meu irmão como parte de um plano para me capturar?

Sherlock sabia que eu tinha me envolvido em dois casos de pessoas desaparecidas. E como ele pode não ter compreendido que eu inventei

o Dr. Leslie Ragostin, vidente científico, é possível que pense que eu tenha trabalhado para ele. Será que gostaria de saber que essa é minha vocação de vida, ou seja, ser alguém que encontra o que está perdido?

Será que ele adivinha como me afeioei ao paternal Dr. Watson?

Eu não deveria considerar os acontecimentos recentes com a mais alta suspeita?

Mas, enquanto essas considerações eminentemente sensatas cruzavam meu pensamento, eu já estava atirando o jornal na lareira e indo explorar meu guarda-roupa, pensando em maneiras possíveis de me disfarçar, estratégias para descobrir detalhes sobre o desaparecimento do Dr. Watson, a melhor maneira de me aproximar do assunto. De fato, nem uma camisa de força poderia me impedir.

Apesar de tudo, sabia que deveria ter cuidado.

O que apresentava alguma dificuldade, já que havia desperdiçado a maior parte do mês passado fechada em meu quarto, amargurada por minha mãe falhar em me ajudar quando precisava – estando, em outras palavras, preguiçosa e mal-humorada –, agora me encontro lamentavelmente despreparada para a ação. Há uma dúzia de itens que preciso, mas não tenho.

Enrolando um xale indescritível na cabeça e nos ombros, saio em expedição para adquirir o que quero. A Sra. Tupper ficaria satisfeita, pois eu estava saindo para dar uma caminhada.

E de fato caminhei, a distância toda, porque minhas emoções estavam tão perturbadas quanto as passagens labirínticas dos cortiços; meus pensamentos estavam tão tumultuados e confusos quanto as casas mofadas com seus sótãos pontiagudos pairando sobre mim; e a longa caminhada talvez me ajudasse a recompor minha mente e deixá-la em ordem, de algum jeito.

Mas as coisas ao meu redor, entretanto, não promoviam serenidade. Um vendedor de tortas gritava:

– Olha a torta de carne, duas por um centavo! Enquanto crianças de rua pulavam em volta dele, troçando:

– Cachorrinhos e gatinhos! Gatos e ratos! – anunciando de onde provavelmente se originava a carne das tortas, e um policial se aproximou franzindo a testa e os dispersou por estarem bloqueando o tráfego.

Enquanto o dia estava realmente “primaveril”, como a Sra. Tupper havia dito, o clima quente aumentava o fedor dos banheiros das casas – cada um serve a talvez, uns duzentos londrinos desprovidos –, das proximidades do Tâmsa, e da fumaça das fábricas pairando sobre os

cortiços como uma lagarta gorda e brilhante com patas de aço, destruindo tudo abaixo dela.

Muito bem, talvez eu estivesse falhando em apreciar a beleza do dia ensolarado – uma raridade em Londres, onde as nuvens de fumaça dominam, não se importando com o tempo em outros lugares –, mas, na verdade, um presságio de primavera parece apenas aumentar o ruído e o perigo nas ruas. Vi uma enfermeira distrital com sua toca negra fora de moda, casaco longo e avental branco, tentando entrar em um pátio estreito e repleto de varais cheios de roupas lavadas, enquanto homens preguiçosos, meninos de rua e até algumas mulheres a xingavam e atiravam lama, pedras e esterco de cavalo nela.

Mulher corajosa, penso, e admito que minha consideração seguinte, enquanto continuava andando, era de que se um uniforme de enfermeira poderia ou não ser um bom disfarce. Ou talvez o estilo militar, com saia preta e blusa de lã vermelha, de um dos membros do exército da salvação do general Booth? Parece-me que, quando as pessoas encontram alguém de uniforme, elas veem apenas a roupa e não o indivíduo.

Mas Sherlock Holmes era um observador incomum. Sabendo que eu tinha me disfarçado de freira, ele poderia estar procurando alguma outra coisa semelhante: uma diaconisa, uma babá, uma enfermeira. Não, eu tinha que inventar algum disfarce inusitado, algo impossível de ele esperar de mim.

Por agora, por bênção divina, eu deixara o distrito leste para trás. Em vez de seguir meu caminho por entre os cortiços, agora caminhava por longas e largas ruas de pedra e, à minha frente, estava a cúpula da St. Paul, um ponto de referência que contrasta de um modo estranho com suas colunas gregas, penso, com as fábricas de aço brilhante, tão altas quanto ela, sem falar das torres góticas cheias de gárgulas das igrejas da região. Ou das torres quadradas com cornijas italianas das residências por onde acabava de passar. A maior parte de Londres era uma confusão: estradas de ferro e fábricas, mas também edifícios do Segundo Império francês e mouriscos e georgianos e do período da Regência, mais os Tudor renovados, ou os clássicos, e renovação disso e renovação daquilo. Uma cidade incerta com a aparência que se apresentar, como eu.

Aqui, mais ainda do que no distrito leste, pode-se ver todos os tipos de pessoas. Damas bem-vestidas comprando miudezas e chapéus, em estilistas e perfumarias, movendo-se rapidamente por seus afazeres para que não sejam confundidas com outros tipos de “damas” exageradamente arrumadas e que vagam pelas calçadas. Vendedoras que se movem com a agilidade de cabras até o segundo andar do ônibus, enquanto os camponeses observam a tudo admirados: garotos

de entrega com suas bicicletas, vendedores de caixas de papelão com suas mercadorias em traves sobre seus ombros, limpadores de chaminés andando com os trajes tão pretos quanto suas vassouras, estudantes sujos de tinta carregando livros, músicos de rua, cavalheiros sobriamente vestidos em tons de cinza ou preto da cabeça aos pés, e a gentilha – uma raça bem diferente, vestida de forma espalhafatosa em busca de diversão. Meus irmãos uma vez imaginaram que eu estava me disfarçando como um deles.

E então passa uma mulher de cabelos curtos com um chapéu-coco e uma capa de cocheiro, segurando uma bengala em uma das mãos sem luvas e a coleira de um *bull terrier* na outra. Estou certa de que meus irmãos têm medo de que eu venha a me tornar ainda pior, talvez fumando um cigarro.

Já estava andando pelo centro, ou seja, a parte mais antiga de Londres – alguns diriam que era o coração de Londres, mas não era, não mais do que a Tower, ou o Convent Garden, ou Piccadilly Circus, ou Trafalgar Square, ou Palácio de Buckingham, ou Westminster onde estão os prédios do Parlamento. Londres não tem mais corações do que os ensopados de galinha da Sra. Tupper.

Resistindo a fazer mais comparações entre o caos da cidade e o meu estado mental, sigo meu caminho direto até Holywell Street.

Uma via estreita, curvilínea e suja que ironicamente não poderia ter um nome mais incorreto[4], assim como seu uso. A rua é pitoresca, com velhos edifícios altos ocupados, em sua maioria, por vendedores de publicações de baixo nível e folhetos de fotografias baratas. Entretanto, não estava ali para ver litografias de jovens garotas expondo suas anáguas e pernas enquanto amarram suas botas de campo. Eu busco um tipo diferente de vendedor. Voltando no tempo, na época da rainha Elizabeth, a Holywell Street havia hospedado comerciantes de tecidos. Ecos desse comércio de seda e outros tecidos finos permaneceram ali na forma de comerciantes de fantasias, adornos, antigas roupas estranhas e coisas do tipo para bailes à fantasia. Placas de madeira entalhadas no formato de máscaras sorriam ou se entristeciam sobre mim, da maneira mais desagradável possível, enquanto eu abria a cotoveladas e ombradas minha passagem pela ruela tumultuada. E, além da Holywell Street ser muito antiga, tortuosa e estreita, os vendedores de imagens de mau gosto inundavam as calçadas com suas mercadorias, estendendo as mãos para quem passava. De fato, enquanto eu lutava para seguir adiante, uma encantadora garota de no máximo 6 anos se agarrou à minha manga, oferecendo-me o que à primeira vista parecia um maço de cartas de baralho. Mas, à segunda vista, aquilo me fez arrepiar e acelerar o passo.

Ali. Finalmente vi, suspensa acima do beiral de uma respeitável construção de taipa, uma placa de madeira que parecia estar lá há tanto tempo quanto o próprio edifício. Entalhada na forma de um galo, ela sinalizava a loja que eu estava procurando.

Capítulo terceiro

Eu havia descoberto essa loja durante uma aventura que vale a pena contar. Há algumas semanas, meu irmão Sherlock chegou bem perto de me pegar. Mas, nos poucos minutos cruciais em que ele exigia que o policial vasculhasse as ruas à minha procura, encontrei um refúgio bem improvável: o 221b da Baker Street, ou seja, a própria residência de Sherlock, na qual entrei por meio de um plátano, um telhado e a janela de um quarto.

Desde então, fiquei imaginando como meu irmão reagiu quando, voltando ao seu quarto pela manhã, descobriu os restos queimados do meu disfarce de freira em sua lareira e que alguns itens haviam desaparecido do seu guarda-roupas. Imagino que se sentiu completamente envergonhado. Estranhamente, esse pensamento me fez sorrir.

Agora, se tivesse sido Mycroft...

Outra hora, talvez. Como estava dizendo, ao ficar escondida por várias horas na residência de Sherlock, enquanto ele me caçava por cada viela, beco, estrebaria e quintal da área, usei meu tempo para algo útil examinei as coisas de meu irmão. Aquele homem tinha um armário inteiro cheio de perucas e barbas falsas e por aí em diante, mas também tinha acessórios para dis-farces completamente desconhecidos para mim: modelagens para o rosto, verrugas e cicatrizes autocolantes, terríveis (como ruínas de batalhas medievais mergulhadas em creosoto) dentes falsos para cobrir os verdadeiros, tocas que fazem parecer careca ou parcialmente careca, pigmentos de pele que variavam de levemente corado a moreno, várias unhas falsas (malcuidadas, amarelas, rugosas ou compridas, como se estivessem de luto), uma cola dentro de um aparelho para mudar o formato da boca e dar a aparência de lábio leporino. De modo geral, meus olhos se abriram. Ficaram bem abertos. Onde meu irmão conseguia itens tão singularmente úteis?

E então, vasculhando sua mesa, encontrei as notas de diversas compras, a maioria no distrito dos teatros com a real finalidade de atender às necessidades dos palcos – e quase pensei que poderia me passar por uma atriz. Mas vários itens haviam sido adquiridos, alguns anos atrás, em uma loja na Holywell Street. Uma loja chamada Chaunticleer.

Então, pensei em tentar ali primeiro. Meu irmão não havia comprado nada na Chaunticleer há um bom tempo. Será que o lugar havia fechado? Mas só havia um jeito de descobrir se a loja ainda era, excelente: meu irmão teria levado seus negócios a outro lugar por qualquer que fosse a razão, e seria improvável encontrá-lo ali.

Chaunticleer: anuncia a placa entalhada em forma de galo. *Chaunticleer* significa galo, assim como *reynard* significa raposa.

De onde veio este último não tenho ideia, mas o primeiro eu havia lido em um dos *Contos de Canterbury*, de Chaucer.

Lutando para avançar pela rua cheia – Holywell está *sempre* repleta de todos os tipos de londrinos que olham com interesse para todas as vitrines das livrarias –, abri meu caminho dando cotoveladas até meu destino.

Seria este meu destino afinal? Parada sob o galo de madeira – que provavelmente está pendurado ali desde a época de Shakespeare –, para recuperar o fôlego antes de entrar, vejo o letreiro vermelho pintado na porta que diz, simples e misteriosamente, Pertelote.

Muito peculiar.

Entro para ver o que é aquilo.

Prosseguindo com cautela, lanço meu olhar ansiosamente, tomando cuidado, mas nenhum dos meus irmãos surge das sombras para me segurar; na verdade, a loja parece vazia. Estantes de partituras musicais flanqueavam a entrada, alguns livros usados estavam reunidos num canto, e os escaninhos e balcões exibiam uma variedade interessante de mercadorias: cartões de vários tipos (embora não haja, e fico feliz por dizer, os tipos de mau gosto que são ofertados nas ruas), jogos de dominó, jogos de tabuleiro, pega-varetas, pequenas peças teatrais, estereótipos de novelas fotográficas, um terrivelmente inteligente *kit* de impressão com tipos móveis e uma almofada de tinta... eu examinava pensativa este último item, quando uma voz contralto perguntou:

– Posso ajudá-la?

Levantando o olhar, vejo uma sorridente mulher de meia-idade exibindo, junto com uma blusa simples e uma saia, um confortável e inconfundível ar de proprietária. Esta era a loja *dela*.

Mesmo assim, levei um segundo para que minha mente tensa lembrasse que Pertelote era o nome da galinha de espírito prático do conto de Chaucer sobre Chaunticleer.

Não é de estranhar que Sherlock Holmes tenha deixado de vir aqui. De algum modo, a propriedade havia passado de um galo para uma galinha, e – como a esposa de nosso velho mordomo disse uma vez – nenhum dos meus irmãos jamais soube tolerar uma mulher de espírito

forte.

– Hum... Sra. Pertelote? – perguntei.

Seu sorriso se aqueceu e se alargou como se ela estivesse diante de uma piada restrita.

– Per-til-oh-ti – ela disse, corrigindo minha pronúncia de um jeito tão cordial, que senti como se estivesse sendo elogiada por minha tentativa. Uma mulher de ossos grandes e rosto largo como uma tigela, não muito bonita, com o cabelo liso e grisalho penteado preso em dois coques, um sobre cada orelha carnuda e pendular.

– O que aconteceu com Chaunticleer? – respondo ao seu sorriso, disposta a compartilhar de sua diversão.

Ah, esse é melhor.

E vai manter a placa com o galo entalhado?

– Ah, ela é muito antiga... e uma pessoa deve cuidar das coisas antigas, ah deve – seu sorriso se alargou, mas senti que ela mudava de assunto. – E como posso lhe ajudar?

Apesar de seu jeito simples de falar, seu sotaque não era inteiramente de quem nasceu e cresceu em Londres: era um pouco mais agradável e semiculto. Tentei manter o meu quase na mesma medida, enquanto conversávamos. Indicando a miniatura, o kit de impressão portátil, perguntei:

– Uma pessoa pode fazer cartões de visita com isso?

Ela não piscou, nem pareceu se perguntar por que uma mulher vestida de maneira tão simples iria querer cartões de visita, muito menos imprimir os seus próprios; ela não hesitou antes de responder:

Sim, de fato, mas do tipo bem grosseiro. Posso fazer melhores para você, na sala dos fundos, se precisa de alguns.

De fato – concordei. – Obrigado. Posso dar uma volta pela sua loja?

– Certamente.

Havia muitas besteiras fascinantes e esquisitices para prender minha atenção: quebra-cabeças quadrados de madeira com ladrilhos que não podiam ser levantados e tirados, mas sim deslizados por dentro da moldura, “tábuas de comunicação” com números e letras para experimentos espiritualistas, rosas de veludo, caixinhas de música, leques de penas, lenços de seda, máscaras de mago, uma boa quantidade de perucas de cabelos compridos e curtos para vítimas da febre, ou possivelmente para mulheres condenadas. Mas demorei todo aquele tempo principalmente porque precisava pensar. Eu queria aceitar a oferta de Pertelote de me fazer alguns cartões de visita – previa que precisaria de pelo menos um em breve –, mas para pedir para imprimi-los eu precisava decidir meu pseudônimo.

Em relação a isso, minhas dúvidas continuavam onde haviam parado: *Sempre eu*, *Sempreu*? Não. *Sempre* pior. Não, melhor em inglês. *Sempre* assim, *Ever so*. Everso? Com uma pitadinha de francês, *Everseau*?

Nada mal.

Muito bem, talvez não tenha que usá-lo por muito tempo. Mas e o primeiro nome? Violeta? Não, um nome de flor é muito arriscado. Viola? Evoca mais o instrumento musical do que a flor; Viola deve servir.

Se a dona da loja concordasse, considerei, ela poderia me vender o *kit* de impressão em miniatura por um valor bem mais alto do que ela cobraria para fazer alguns cartões para mim em uma prensa, aparentemente, o melhor que ela possui.

Em seguida, eu me senti inclinada a confiar nela, mesmo que tivesse quase certeza de que Pertelote não era seu nome verdadeiro. Não importava. Ela também não iria saber o meu.

Junto com os cartões de visita, eu poderia comprar com segurança itens ainda mais comprometedores?

Eu me sentia inclinada a achar que sim.

Mas e se eu estivesse enganada a seu respeito? E se ela fosse do tipo que gosta de falar?

Quase não me importei, pois era provável que nem Mycroft nem Sherlock viessem falar com ela. Qualquer um deles tremeria ao chegar perto desta mulher, dona de suas próprias coisas, de seus próprios negócios, de seus próprios assuntos.

Nenhum dos meus irmãos aceitaria ou entenderia uma mulher que não é ligada a nenhum homem como mulher, filha ou irmã.

Os dois desprezam mulheres que vão além da compreensão do pensamento lógico. Nenhum deles conseguiria imaginar como é entrar na mente de uma mulher.

Muito menos na minha. Quando eu, uma garota magérrima com nariz de bico, tive de fugir, tenho certeza de que eles esperavam me encontrar disfarçada de garoto, pois, pela maneira como pensavam, de que outra forma uma mulher claramente desafortunada conseguiria sobreviver?

Mas, agora, eles sabiam que eu havia me disfarçado de viúva, e depois de freira. Então, provavelmente, eles estavam procurando por outra variação do tema “feia como um corvo”: uma solteirona de rosto afiado coberto por um véu, talvez? Ou uma manifestante raivosa tentando reformar os cortiços? Provavelmente pararam de me procurar em disfarces masculinos. Então, talvez fosse aquela a hora de adotar calças?

Não.

Eu simplesmente não queria. Porém, o mais importante: eu decidira que, para descobrir os detalhes sobre o desaparecimento do Dr. Watson, deveria falar com a Sra. Watson, e para fazer isso precisaria ser uma mulher.

Mas não o tipo de mulher que meus irmãos suspeitariam ou sonhariam que eu poderia ser.

Na verdade – embora soubesse que essa tarefa envolveria uma grande quantidade de trabalho –, eu me disfarçaria da última coisa que Sherlock ou Mycroft poderiam imaginar.

Eu seria linda.

Capítulo quarto

Eu *seria* linda.

Esta foi, admito, uma decisão motivada em parte pela melancolia, pela amargura do meu espírito causada por minha mãe, mas desviada para o tipo de alvo mais aceito pelo homens; eu também, por diversas vezes, observei como os homens tratavam as mulheres, simplicidade contra beleza. Eu planejava embarcar em uma espécie de experiência raivosa: queria provar que esses homens todo-poderosos podiam ser enganados.

Mas essa também seria uma decisão prática, pois, se eu estava entrando em uma armadilha – ainda não podia descartar a possibilidade de que meu irmão e Watson houvessem tramado um elaborado esquema para me pegarem –, deveria novamente sair dela sem ser reconhecida.

Mesmo que a crise fosse verdadeira (como estava mais inclinada a acreditar), então, sem dúvida a Sra. Watson devia estar mantendo contato com Sherlock Holmes. Caso ela mencionasse que uma garota alta, magra, meio desajeitada e com nariz e queixos protuberantes havia perguntado coisas, ele certamente suspeitaria de que era eu, e me perseguiria como um cão de caça. Se, entretanto, a Sra. Watson mencionasse ser uma visitante de beleza incomum, ele não prestaria a menor atenção.

Só havia um inconveniente em ser linda: eu queria que a Sra. Watson confiasse em mim, mas as mulheres, até aquelas que também são lindas, em geral não gostam das mulheres atraentes. E, mesmo não conhecendo pessoalmente a Sra. Watson, eu sabia que ela tinha uma aparência convencional, pois li no excelente relato do Dr. Watson, *O signo dos quatro*, como ele conheceu Mary Moran (como se chamava na época) quando ela foi se consultar com o Sr. Sherlock Holmes. Watson descreveu sua futura esposa como sendo “nem uma figura regular, nem uma beleza complexa”, mas veio a dizer que “sua expressão era doce e amável, e seus grandes olhos azuis eram de uma espiritualidade e simpatia singulares”.

Talvez, se tiver uma natureza amável, no final ela não venha a se ressentir comigo.

Eu também aprendi em *O signo dos quatro* que a Sra. Watson não

possuía “parentes na Inglaterra”, por isso havia ido visitar Holmes quando se encontrou desorientada. Sua mãe e seu pai estavam mortos. Depois de sair do colégio interno, trabalhou como governanta, que não é exatamente uma serviçal, mas também não tinha um padrão igual ao de seus empregadores; a maioria das governantas jantam sozinhas. E sozinha, suspeito, deve ser como está agora, e, por ser a mulher de um médico, ela se mantém numa posição entre a classe trabalhadora e a pequena nobreza. Se ela tinha “uma vida de aposentada”, não tendo um círculo de amigos antes de seu casamento, será que desde então arrumou um? Acredito que não. As pessoas mais pobres, quando se encontravam com dificuldades, sempre corriam direto para Mary, de acordo com o Dr. Watson. Sem dúvida, ela compartilhava a bondade que havia em seu coração, mas nos momentos em que esteve com dificuldades essas pessoas pobres iriam consolá-la? Eu duvido.

Algumas pessoas desejam ficar sozinhas em momentos de provação, mas outras procuram companhia. Já que eu não tinha como saber, deveria arriscar que a Sra. Watson se enquadrasse na última opção, e acreditar que seria muito bem-vinda a distração de um visitante, mesmo um desconhecido, nesse momento difícil.

Era o que eu esperava: que ela me contasse alguma coisa, mesmo que trivial, que pudesse me ajudar a jogar alguma luz sobre o mistério de seu marido desaparecido.

Uma criatura realmente encantadora desceu de um táxi na frente da casa/consultório do Dr. Watson, na tarde seguinte. Encantadora e com uma beleza inocente, modesta, atemporal e tão natural que subiu fluando os limpos degraus brancos como um sopro de ar puro do bosque.

“Natural”? Difícil. Horas e horas de trabalho foram dedicadas na preparação da Srta. Viola Everseau, e eu nunca teria alcançado tal naturalidade se não fosse o sangue de artistas que corre em minhas veias. A beleza “natural” é uma questão de ilusão, como se pode ver, uma organização das proporções para nutrir uma conspiração de admiração entre os sentidos do espectador.

Uma vez, meu irmão Sherlock mencionou, semelhante.

– Mycroft – disse para meu outro irmão –, a cabeça da garota, você poderá observar, é bem pequena em proporção ao seu corpo notavelmente alto.

Ele avaliara negativamente minha inteligência na época, e sua conclusão foi errada. Mas a declaração por si só é bem verdadeira.

Por esse motivo, comprei, na Pertelote, uma peruca de excepcional

exuberância.

“Organização das proporções”, no caso da beleza feminina significa, em primeiro lugar, arranjo do cabelo. E meu cabelo, mesmo que não tivesse a cor da lama e a consistência de um brejo, está irritantemente localizado em cima da minha cabeça, locla que não consigo ver nem alcançar para arrumá-lo apropriadamente. Mas a peruca! Que diferença. Eu simplesmente a apoio em um castiçal à minha frente, e então arrumo seus cachos tom de jacarandá até que fiquem exatamente do jeito que os quero, anezinhos em um chinó descuidado no topo e uma generosa franja na frente.

Sem a peruca – e sem os enchimentos que uso para arredondar minhas bochechas e narinas –, eu seria uma versão feminina de rosto afinado, nariz de gavião e pele pálida do meu irmão Sherlock.

No entanto, um adorável e convincente cabelo, com aparência natural, altera tanto as proporções da minha cabeça que meu nariz e queixo protuberantes milagrosamente se transformam em um perfil grego clássico. Emoldurada pela franja e pelos cachos castanho-dourados, minha pele deixa de ser pálida para se tornar delicadamente feita de porcelana. Até eu mal poderia acreditar em tal transformação.

E havia mais, muito mais, a ser feito, é claro. A beleza natural requer uma falha, uma certa violação maldosa da simetria. Assim, coleí uma pequena, em relevo da cor de vinho do Porto, marca de nascença (cortesias da Pertelote) na minha têmpora direita, que serviria para desviar a atenção do centro do meu rosto, ou seja, do meu nariz. E então empoei meu rosto com pó de arroz como se tentasse esconder o discreto defeito. Era permissível que uma mulher usasse pó de arroz, mas o próximo item que peguei na mão, ruge, não era. Eu tinha que aplicar a substância de má reputação bem sutilmente em minhas bochechas e lábios. Depois, passei sombra nos olhos e tive que esfregar minhas pálpebras, fazendo meus olhos parecerem maiores e lustrosos, mas não muito para que o artifício não fosse detectado. Precisei ten-tar muitas vezes até ficar do jeito certo. Como tinha dito, ficar linda exige horas e horas de trabalho.

Sem, deixe-me acrescentar, nenhuma garantia de que a Sra. Watson iria me receber! E era possível que, devido às circunstâncias, ela estivesse de cama em prostração nervosa, incapaz de receber visitas, mesmo estando disposta.

Ah, meu Deus! E se derem com a porta na minha cara depois de todo esse trabalho?

Mas é preciso tentar. E, finalmente, eu estava pronta.

Dando uma olhada final no espelho, devo dizer que senti uma inesperada e forte sensação de vitória.

Infelizmente, aconteceu da Sra. Tupper me ver saindo. Ela derrubou o jarro de louça que estava carregando e ele quebrou em mil pedaços.

Com essa nota percussiva, peguei o táxi até a residência dos Watson e, se subi flutuando os limpos degraus brancos como um sopro de ar puro do bosque, foi por causa da minha água-de-colônia “Sylvan Paradise”, também adquirida no dia anterior. Eu nunca havia me preocupado com perfumes – deixe as sarjetas federem o quanto quiserem, nunca fui daquelas mulheres que seguram um lençinho perfumado perto do nariz –, mas a beleza, como já disse, não jaz apenas nos olhos do espectador, mas em uma cuidadosamente orquestrada conspiração de todos os sentidos. Por isso, o perfume. E tive de engolir mel para adoçar minha voz. Ao apertar o corpete, precisei olhar duas vezes para ter certeza de que meu aperfeiçoador de busto estava livre da sujeira dos vários objetos que havia armazenado nele. Também tive de escolher meu vestido, como você deve imaginar, com muito cuidado, para não parecer nem humilde nem aristocrática. Cada coisa “natural” em mim, desde meu chapéu – pequeno, liso, com algumas flores – até minhas botas polidas de cano alto, foram resultado de horas de experimentação e deliberação. Na verdade, fiquei acordada metade da noite me preparando para o encontro. Só podia esperar que minha falta de sono deixasse meus olhos com uma expressão de sentimento profundo.

E, no momento em que cheguei ao meu destino, é claro, a dúvida surgiu. E se eu estivesse sendo uma tola? E se todo mundo pudesse ver que eu era meramente um corvo fantasiado de pavão?

Nesse momento miserável, a porta se abriu. Mas o buquê que carregava, campainha-branca e jasmim (esperança e simpatia), cuidadosamente arrumado e atado com uma fita amarela, explicou minha presença; não houve necessidade de falar. Espero que a criada não tenha notado o quanto minha mão enluvada tremia, enquanto eu pousava meu cartão de visita, *Senhorita Viola Everseau*, em sua bandeja prateada.

Capítulo quinto

A criada me mostrou o caminho até uma sala de estar modesta, e rapidamente se dirigiu ao fundo da casa para encontrar sua patroa. Fiquei parada, olhando ao redor. Cada janela da sala havia sido aberta exatamente cinco centímetros. Felizmente, nesta parte de Londres, o ar da primavera só fedia a fumaça e sujeira da rua, odores na maior parte compensados pelo perfume das flores que eu trouxera. Em Londres, tive de perceber, aqueles que tinham alguma renda, não consideravam as flores um luxo, mas sim uma necessidade para suas casas e para si mesmos, de modo a tornar a vida suportável para o olfato.

Dos fundos da casa, ouvi uma voz macia perguntando:

– Quem é, Rose? – e então, sem esperar resposta, com meu cartão ainda na mão, a Sra. Watson entrou na sala de estar, seu rosto estava muito pálido, ainda que contido. Com uma preocupação calma, mas calorosa, ela perguntou:

– Você veio ver o médico? Infelizmente, ele não está. Há algo que eu possa fazer por você?

Fiquei parada atônita, pois pude ver o quanto seus olhos estavam vermelhos e inchados. Não pude mais duvidar, nem por um segundo, de que o Dr. Watson de fato havia desaparecido, pois a angústia da Sra. Watson era genuína e evidente. Mesmo assim, ela esperava prestar um serviço e não receber compaixão.

Esta mulher maravilhosa me deixou tão envergonhada que, ao lhe entregar o humilde buquê que eu havia trazido, mal consegui dizer algo coerente.

– Li sobre o que aconteceu no jornal – balbuciei. – E não consegui imaginar o porquê, pois ele é tão bondoso, quero dizer, seu marido... espero que ele esteja bem. Peço seu perdão por me intrometer num momento tão difícil, mas pensei que talvez algumas flores... Outros buquês haviam sido entregues, eu vi, mas não tantos a ponto de encher a pequena sala de estar.

– É muita consideração da sua parte. Obrigada – os lábios da Sra. Watson tremiam, enquanto ela aceitava as campainhas- -brancas e os jasmims, mas seu olhar gentil para o meu rosto continuava curioso.

– Sou uma paciente de seu marido – acrescentei rapidamente, em

resposta ao pedido, que não precisou ser feito, para que eu me explicasse como deveria ter feito no começo. Ela assentiu, aceitando humildemente a presença de uma estranha muito jovem, com um cérebro de passarinho, ainda que muito atraente (eu esperava), em sua sala de visitas.

– Tenho certeza de que me perdoará. Eu não conheço todos os pacientes dele.

– E nem se pode esperar que conheça! E quando eu vi, no jornal, sabe... bem, eu tive que fazer alguma coisa, não apenas para sanar minha dificuldade, mas para mostrar que tenho o maior tato e simpatia em fazê-lo – o que era verdade, de certa forma. Quando minto, tento fazer o possível para usar a verdade; consigo lidar melhor com isso desse jeito, e me lembrar mais facilmente do que disse.

– Mas quanta consideração de sua parte, que gesto adorável, você está aqui.

Com a dolorosa sensação de ser uma fraude, eu me forcei a me lembrar de que *estava ali para ajudá-la*.

– Que flores amáveis – ela continuou, embalando-as em um dos braços, como se segurasse um bebê. – Srta. Everseau me sinto obrigada... quero dizer, se não for inconveniente... a lhe perguntar: a senhorita se importaria em ficar um pouco e tomar uma xícara de chá?

E foi como eu pensara que poderia ser. Sem se importar com suas naturais reservas, naquele momento de aflição, a Sra. Watson precisava de alguém, qualquer ouvinte seguro e simpático com quem conversar. Assim que nos sentamos, com o menor encorajamento da minha parte, ela começou a contar como seu marido havia saído de casa com um excelente humor na manhã da quarta-feira passada, planejando em atender alguns domicílios e depois, talvez, passar em seu clube. Porém, à noite ele não retornou.

– Mantive o jantar dele aquecido até virar cinzas – ela disse com um tipo de espanto. – E não consegui me obrigar a jogá-lo no lixo, porque fazer isso seria ter consciência de que ele estava terrivelmente atrasado, e eu ainda não podia admitir que algo – qualquer coisa – havia acontecido. Continuei dizendo a mim mesma que ele chegaria a qualquer minuto. Ele tinha que chegar. Ela esperou a noite toda e de manhã procurou a polícia e, é claro, Sherlock Holmes. (Ela presumiu, corretamente, que eu conhecia a ligação de seu marido com o famoso detetive.) A polícia chegou primeiro, mas se recusou a tomar qualquer iniciativa até que encontrassem evidência de um crime.

– Eles disseram para esperar um pouco, não é incomum um homem

desaparecer por um dia, ou dois, ou três, e então voltar para casa, liso como uma ovelha tosada, tendo gastado todo seu dinheiro com bebidas, ou em um covil de ópio, ou com alguma mulher.

– Eles realmente disseram isso?! – exclamei.

– Não com tantas palavras, mas qualquer um entenderia o que quiseram dizer. Como se John sempre fizesse essas coisas – mesmo no calor de sua justa indignação, o tom da Sra. Watson se mantinha doce. – Por sorte, o Sr. Sherlock Holmes chegou logo depois e começou a tentar descobrir o que aconteceu.

– E ele está fazendo isso?

– Ele disse que eu não teria notícias até que houvesse algo para reportar, e eu não tive.

– Ele não tem nenhuma teoria?

– Ele imagina que algum inimigo esteja tentando se vingar dele, é claro. John, por si mesmo, não tem inimigos.

– Nenhum paciente descontente?

– Bem, é claro que sempre há. O Sr. Holmes levou o livro de registros médicos de John para verificar. Muito bom. Então é improvável que ele vá procurar Viola

Everseau nele. Eu me inclinei na direção dela.

– Sra. Watson, o que a senhora acha que aconteceu?

Por um momento, sua compostura esmoreceu. Ela teve que levar as mãos ao rosto.

– Eu realmente não consigo imaginar.

Nesse exato instante, a criada trouxe a bandeja de chá. Com um esforço visível, a Sra. Watson se refez e, enquanto servia, mudou de assunto.

– Você vive com sua família aqui em Londres, Srta... ahn... Everseau?

Eu respondi que não, que vivia sozinha e que trabalhava em um escritório, mas que estava desempregada no momento e esperava encontrar algum cargo na Fleet Street. O que era tudo verdade – não que importasse. Se eu contasse a ela que viajava com o circo, ela teria assentido do mesmo jeito, pois sua aflição era tanta que não conseguia compreender nada.

Bebemos nosso chá em um silêncio desconfortável. Para quebrar esse silêncio, elogiei a sala onde estávamos sentadas.

– Litografias adoráveis. Eu realmente gosto da combinação de mobiliário confortável com toques de cultura.

Eu realmente gostava da Sra. Watson, na verdade, tão corajosamente me servindo uma segunda xícara de chá, enquanto

olhava ao redor em sua própria sala de estar como se nunca houvesse estado ali antes.

Eu acrescentei.

– Que piano de cauda adorável – como havia sido governanta, é claro que ela passara metade da sua vida no teclado de um piano, mas lhe perguntei mesmo assim: – A senhora toca? Ela mal ouviu a pergunta, é claro, pobrezinha.

– Ah, sim. Sim, eu... – seus pensamentos extremamente preocupados vagaram, aparentemente, até um ramallete de margaridas colocado em cima do instrumento. – Tantas flores servem para consolar uma pessoa – ela observou vagamente. – Um pouco, pelo menos. E de desconhecidos, ainda. As pessoas são tão bondosas.

Concordando, secretamente pensei que ela estava se alegrando com migalhas, pois não havia tantas flores. Havia, obviamente, o buquê que eu trouxera – que, me alegrava ver, a criada colocara no vaso exatamente como eu o havia arrumado. Havia um pequeno ramo de lírio-do-vale, desejando que a Sra. Watson recobrasse sua alegria, havia os ubíquos cravos, algumas rosas brancas, e...

E colocado no canto da mesa, o buquê mais bizarro que eu já tinha visto em minha vida. Tenho certeza de que me sentei reto, e meus olhos se arregalaram, mas evitei dizer qualquer coisa além de murmurar:

– Que peculiar.

– O quê? – lentamente a Sra. Watson se virou para ver o que havia chamado a minha atenção. – Ah. Sim, estranho, não é? As papoulas deveriam ser vermelhas, mas são brancas, e a flor do espinheiro deveria ser branca, mas é vermelha, e não faço ideia do que são as verdes.

– Aspargos! – eu disse, maravilhada. Não os vegetais, é claro, mas as ramagens rendadas que surgem depois, com folhas parecidas com cabelos cinza-esverdeados bem finos. – Depois que afloram, sabe – o que não deveria acontecer nesta época do ano; apenas as pontas deveriam estar brotando. A Sra. Watson piscou.

– Meu Deus, como você é esperta! Como aprendeu essas coisas?

– Minha mãe era botânica – o que era verdade, e podia ser dito de metade das mulheres da alta sociedade da Inglaterra; flores e botânica eram considerados um *hobby* feminino.

– E ela estudou os aspargos? Eu nunca os vi colocados em buquê antes.

– Nem eu – mas, se os ramos eram bizarros, as flores eram ainda pior. O significado delas me dava arrepios. Tomando cuidado para não revelar isso no tom de minha voz, perguntei:

– Sra. Watson, está familiarizada com o que, às vezes, é chamado de linguagem das flores?

– Só um pouco. Existiram poucas ocasiões para tal comunicação em minha vida – ela disse, com um bom humor suave. – As flores do espinheiro significam esperança, não é? E a papoula, conforto?

– Na tradição francesa, sim.

Mas aqui é a Inglaterra e, no folclore britânico, o espinheiro-alvar – que ela chamava de flor do espinheiro – é um arbusto há muito associado às divindades pagãs e fadas, um símbolo poderoso da má sorte. Jamais uma mulher do campo deve trazer uma muda desses ramos para dentro de casa, pois isso traz calamidade e inclusive morte para o lar.

Eu não disse isso. Mas disse:

As papoulas vermelhas significam conforto, creio, mas as brancas simbolizam o sono.

Sério? – ela pensou nisso por um momento, e depois sorriu. – Bem, certamente um pouco de sono me seria útil.

Que buquê estranho. Quem, se me permite perguntar, quem lhe deu?

– Eu não sei. Acredito que um garoto o trouxe até a porta.

Colocando minha xícara de chá de lado, levantei-me, atravessando a sala para dar uma olhada mais de perto. As papoulas devem ter sido criadas à força em uma estufa. Todas as flores, com exceção das campainhas-brancas, vêm das estufas nesta época do ano; nada de extraordinário nisso. Mas os *aspargos* terem sido tão cultivados – é muito estranho. A explicação seria de que alguém, talvez, tivesse um desejo imenso pelo vegetal; mas e o espinheiro-alvar? Quem neste mundo teria tanto trabalho por uma planta cheia de espinhos como essa em uma estufa, se ela cresce em qualquer lugar do campo?

Analisando o espinheiro-alvar de perto, vi que os galhos cheios de espinhos se enrolavam em torno das gavinhas de uma trepadeira, cujas delicadas flores brancas já haviam murchado.

Uma trepadeira. Com um tipo de flor-trombeta, a trepadeira era tão comum como os pardais nas cercas vivas que surgiam no campo no verão.

E devia ter sido plantada ao lado do espinheiro-alvar, para que suas ramagens se apoiassem e se entrelaçassem.

Trepadeira? Mais conhecida como convólculo, essa planta indica algo enrolado – algo furtivo, enredado, retorcido.

E este sinistro buquê, parece-me, veio de uma mente retorcida. Eu tinha que descobrir...

Porém, quando me virei para perguntar mais detalhes para a Sra. Watson, a porta se abriu de repente e, sem esperar que a criada o anunciasse, um homem alto, impetuoso e impecavelmente vestido se aproximou a passos largos, quase voando, parecendo um falcão por conta do perfil afiado de seu rosto: o Sr. Sherlock Holmes.

Capítulo sexto

Lamento dizer que engasguei alto, tanto de terror como de admiração. Essas duas emoções parecem sempre surgir na minha relação com meu renomado irmão. Para mim, seus traços arrojados eram os mais bonitos da Inglaterra, seus olhos acinzentados eram os mais brilhantes, e se as circunstâncias fossem diferentes... mas não há tempo para sonhos inúteis. Eu compreendia totalmente o perigo de minha situação, e admito que senti uma forte inclinação para fugir. Felizmente, ao contemplar o buquê bizarro, eu estava perto da parede que barrou meu impulso de recuar. Se eu tivesse feito esse movimento impensado, tenho certeza de que meu irmão teria notado.

Mas ele mal olhou para mim, e compreender o porquê levou o tempo de várias batidas do meu coração, pois ali estava em plena vista a alta, desajeitada e nariguda irmã dele, Enola – até que percebi que meu disfarce o impediu de olhar para mim. De fato, no momento em que ele viu uma bela e jovem mulher bem-vestida e de chapéu na sala de estar, junto com a Sra. Watson, ele voltou sua atenção para outro lugar. Qualquer um poderia pensar que ele não gostava de estar na companhia de uma mulher como aquela.

E mesmo se eu engasgasse alto, ele não ouviria, pois imediatamente a Sra. Watson pulou do sofá gritando.

– Sr. Holmes! – ela esticou as duas mãos na direção dele. – Você... há... alguma notícia de John?

A julgar por seu rosto tenso e sombrio, nenhuma notícia boa. Como se capturasse duas pombas que voavam, ele segurou as mãos da Sra. Watson em seu punho enluvado, mas não falou, apenas fez um movimento de silêncio com os lábios e lançou um olhar de advertência em minha direção.

– Ah! Que indelicadeza a minha! – não foi bem o que ele quis transmitir; ele queria se livrar de mim, mas ela achou que havia sido rude, esquecendo-se de me apresentar.

Libertando as mãos, ela se virou para mim.

– Srta., hum...

Se uma pessoa está literalmente tremendo por conta de tantas emoções misturadas, deve tentar fazer o melhor uso disso. Liberando a Sra. Watson da necessidade de lembrar meu nome, eu grasnei:

– Esse é *realmente* o Sr. Holmes, o grande detetive?

Simulando uma animação exagerada, própria das garotas, apressei-me em sua direção, sorrindo, ou melhor, soltando risadinhas como uma caveira.

– Ah, estou tão emocionada! – eu gritava, minha voz estava um oitavo abaixo do nível normal.

Mesmo tremendo de medo que meu irmão me reconhecesse, agarrei uma de suas mãos enluvadas com as minhas duas.

– Ah, espera até minha tia saber que conheci o famoso Sr. Sherlock Holmes!

Minha efusão teve o efeito que eu desejava: se um rato de esgoto subisse em Sherlock, sua repulsa seria menor. Ele não conseguia suportar me olhar no rosto, afastando o olhar enquanto dizia glacialmente:

Srta., ahn...

Everseau. Srta. Viola Everseau – eu gargarejei.

Srta. Everseau, teria a bondade de nos dar licença?

– É *claro*. Absolutamente. Eu sei que o senhor e a Sra. Watson têm assuntos importantes para tratar; estou assustadoramente honrada e encantada em conhecê-lo – gorjeando idiotices, eu me permiti ser arrastada para longe pela fiel criada, Rose, que apareceu com esse objetivo e com meu casaco nas mãos.

Mesmo depois de ter escutado a porta da frente da residência Watson se fechar atrás de mim, mal pude acreditar que havia escapado. Pisando em falso nos degraus de pedra, eu esperava escutar a qualquer momento Sherlock gritar:

– Espere um pouco! Enola? Enola! Guarda, detenha aquela

garota de peruca! Mas, em vez disso, escutei sua voz falando com a Sra. Watson.

– Temo que não haja nenhuma boa notícia – as palavras, apesar de ditas calma e seriamente, chegaram claramente até mim através da janela parcialmente aberta da sala de estar. – Mas encontrei algo. Encontrei a maleta médica de Watson.

Parei na calçada onde estava. Ah. Ah, minha deusa, eu não podia simplesmente ir embora; o som da voz de meu irmão agia sobre mim como um ímã age sobre agulhas e alfinetes. Eu tinha que saber mais. Mas e se eu fosse apanhada escutando?

Fingindo estar procurando por algo em meu bolso, olhei de um lado para o outro da rua, que estava calma, com exceção de uma vendedora de leite fazendo suas entregas e um ou dois táxis. Londres é estranha assim; ruas de cortiços sempre barulhentas com mulheres

paradas em suas portas, gritando umas com as outras, crianças correndo no meio da imundície, mendigos, vendedores, bêbados, desocupados. Porém, as melhores ruas residenciais jazem quase vazias. Ali, degraus lavados conduzem a portas fechadas e flanqueadas por janelas sem nenhuma vidraça quebrada. Em vez disso, se vê vasos de gerânios, um canário em uma gaiola pendurada, uma pequena placa de “quarto para alugar”, cortinas de renda.

Mas nunca se pode saber se está ou não sendo observado por trás das cortinas de seda.

Holmes continuava falando.

Eu a encontrei no clube, onde alguém deve tê-la escondido atrás de uma escrivaninha. Ela ficou lá, ninguém a notou até hoje.

Mas... John não teria deixado... – a voz calma da Sra. Watson lutava contra as lágrimas.

Exatamente – a voz de meu irmão também suprimia a forte emoção... meu coração inchou quando ouvi tanta angústia reprimida em suas palavras.

Nenhum médico, muito menos Watson, iria se separar por vontade própria de sua maleta preta.

Ciente de meus sentimentos, percebi que estava a ponto de me trair com um soluço, ou algo indignamente involuntário, que chamasse a atenção. *Enola, sua atrevida idiota*, eu mentalmente me repreendi, *saia daí!*

Voltei a andar, entretanto, dei poucos passos, só o suficiente para que Holmes e a Sra. Watson não me vissem caso olhassem para fora. Eu me posicionei no limite entre o canto da casa e a sala de estar. Ali fiquei brincando com as minhas luvas, tentando acalmar minha respiração e as batidas do meu coração.

Ainda podia ouvir meu irmão falando:

– Entretanto, acho que agora podemos excluir a possibilidade de um acidente. Watson foi propositalmente atraído ou arrastado por alguém ou algum agente desconhecido. A suave resposta da Sra. Watson foi inaudível para mim.

– Eu não posso ter certeza, mas me parece que os elementos antimédicos, que bradam como se as cirurgias fossem vivisseções, tendem à histeria e é improvável que tomem decisões ou ajam de maneira organizada. Mesmo assim, apesar de improvável, continua sendo possível, bem como as outras hipóteses. Algum inimigo de Watson dos tempos de exército, talvez; estive observando essa possibilidade, mas meus instintos dizem o contrário. Acima de tudo, continuo a suspeitar do submundo do crime, mas meus informantes até agora não conseguiram me dizer nada. É como se em algum

momento Watson estivesse jogando bilhar no clube e, no momento seguinte, a terra se abrisse e...

Com o tamborilar de cascos na pedra, uma carroça de entregas passou fazendo muito barulho, o condutor olhou de relance para mim com curiosidade, provavelmente se perguntando por que eu estava parada ali. Em Londres, qualquer mulher desacompanhada que pare na rua, mesmo por um momento, para assoar o nariz, coloca-se em risco de ser tomada por um “mal social”, o termo educado para se referir a uma dama da noite.

– É esse silêncio, esse hiato, que não consigo entender – Sherlock estava dizendo quando o barulho terminou. – Se Watson foi sequestrado, por que não há pedido de resgate? Se foi levado por algum inimigo, por que não há nenhuma mensagem direta de vingança? Neste momento, já deveríamos ter notícias de tal mente atormentada. Você tem algo a relatar? Qualquer coisa fora do comum?

A resposta dela foi curta.

– Flores? – disse Holmes, com impaciência e sem interesse.

– Mas certamente esses gestos sociais são esperados. Não, para envolvermos a polícia, precisaremos de mais do que uma maleta preta e um buquê anônimo. Por favor, pense. Não há nada... A Sra. Watson disse algo em tom muito baixo.

– É verdade, a lógica sugere que não há razões para que não tenha acontecido um assassinato – a voz de meu irmão se apertou a ponto de quase se romper. – E, nesse caso, não haveria nenhuma comunicação. Sim, também pensei nisso. Mesmo assim não posso desistir da esperança. Não se deve desistir da esperança! E... – ele adicionou com um fogo negro queimando em sua voz – não irei descansar até que chegue ao fundo deste caso.

Um silêncio considerável se seguiu, durante o qual outro veículo passou fazendo barulho, dessa vez era uma carruagem fechada, o condutor e seus ocupantes me olharam com expressão interrogatória. Senti-me como um alvo pronto para os disparos.

Finalmente, meu irmão falou novamente:

– Devemos perseverar; não podemos agir ao contrário. Não consegue pensar em nada que possa me ajudar? Silêncio.

– Você teve visitantes? Outros além daquela doce jovem que acabou de sair? Aliás, quem era ela?

Ah, minha deusa. Meus nervos não aguentariam mais. Eu saí, descendo a rua da maneira recomendada pela Associação Moral das Senhoras: “controlada e quieta, sem andar muito devagar e nem depressa, como se estivesse prestes a...”. Só depois de virar a esquina, é que soltei a respiração.

Perguntava-me se já estaria na lista de suspeitos de Sherlock.

Sem dúvida, esperava que não. Eu não o queria interessado na “doce jovem”. Até porque ele não podia perder tempo enquanto tentava descobrir o que tinha acontecido com Watson...

Mas ele *estava* perdendo tempo, dei-me conta quando entrei em uma movimentada rua de lojas e comércios. (“Evitando me demorar nas vitrines; renunciando resolutamente até os mais tentadores enfeites exibidos. Passando pelos homens sem olhar para eles, ainda que os visse durante todo o tempo...”) Brilhante como meu irmão era em desvendar os mais diferentes tipos de perplexidades, ele continuava errando ao negligenciar a esfera feminina: neste caso, as mensagens transmitidas pelas flores.

Para mim, parecia que uma mensagem de vingança havia de fato chegado na forma de espinheiro-alvar, papoulas, convolvuláceas, e a mais estranha das plantas: aspargos.

Sobre aspargo eu não entendia completamente. Entretanto, eu me sentia segura de que o buquê bizarro não viera do submundo do crime, nem de alguém que Watson conheceu no exército. *Não*, pensei, viera de alguém que não duraria em nenhuma dessas organizações, alguém estranho demais para elas. Alguém excêntrico, mesquinho e rancoroso, mas bem criativo, alguém que desfruta de um interessante “jardim”, variado e de alegre loucura. E ele – ou ela – era tão dedicado à busca da maldade botânica, que havia sido capaz de cultivar espinheiros-alvares em uma estufa.

Capítulo sétimo

Mas como encontrar essa pessoa exótica? Três esquemas possíveis me vieram à mente e, enquanto um (localizar e investigar estufas) poderia demorar muito, o outro me pareceu mais esperançoso. E imediatamente o coloquei em ação, encontrando um lugar onde sentar e escrever.

Como estava um dia bonito, escolhi um banco perto de uma das mais novas fontes de água potável do distrito oeste de Londres, tão grande quanto a maioria dos memoriais de guerra, enfeitada com figuras aladas. No meio de sua magnificência resplandecente se projetava uma bacia, acho, que deveria se parecer com uma concha, mas que lembrava mais um fungo sobressaindo de uma árvore, com forma de bico de golfinho lançando o refresco para damas e cavalheiros. Mais abaixo, um cocho com ornamento similar proporcionava o prazer dos cavalos, e ainda mais para baixo, perto do chão, um cocho menor para o uso de cachorros e, suponho, gatos, ratos e crianças de rua. Sentada, como estava dizendo, onde podia ver as espécies intercaladas desfrutando desse monumento da benevolência higiênica, peguei papel e lápis em um bolso e compus uma mensagem para publicar nas colunas de recados pessoais de todos os jornais de Londres. Depois de diversas tentativas, eu a destilei à total simplicidade.

“Espinheiros-alvares, convolvuláceas, aspargos e papoulas: o que você quer? Resposta nesta coluna. M.M.W.”

As iniciais significavam Mary Moran Watson, como se a pergunta fosse publicada por ela.

Satisfeita, copiei-a inúmeras vezes para enviar a todos os jornais de Londres. E então, pulando em um bonde que passava (que, como mulher moderna e urbana, aprendi a fazer sem parar os cavalos). Paguei meu centavo e fui recompensada com uma viagem para, eventualmente, Fleet Street.

Muitas vezes visitei os escritórios de vários editores novos em Fleet Street, e esperei pelos educados, porém indiferentes, atendentes masculinos. Desta vez, entretanto, mais do que a educação normal, eles pareciam bem longe da indiferença. Preocupada como estava com assuntos além da minha aparência, no começo, não percebi a razão da

mudança.

Ah, pelo amor das deusas! Espumei quando me lembrei de que usava uma grande quantidade de cabelo e outros artifícios de uma dama. Que idiotas!

Depois que entreguei e paguei todos os meus anúncios, o dia já virava noite e eu estava ficando muito cansada. Mas ainda não podia descansar, pois precisava imediatamente seguir meu outro plano para identificar quem havia enviado o buquê bizarro. Ninguém cultivava espinheiros-alvares, ainda mais entrelaçados com trepadeiras, em uma estufa apenas para um único momento de triunfo. Tal pessoa vingativa, eu acreditava, continuaria enviando suas mensagens de ódio de forma floral. E, quando o próximo chegasse, eu queria estar em posição de observar e interceptar.

Entretanto, teria de voltar à cena. Ainda bem que a noite havia caído; a escuridão era minha vantagem, diminuindo a probabilidade de que a Sra. Watson pudesse me ver enquanto eu chegava novamente na rua de sua residência. Para um acobertamento adicional, contratei um táxi. Fiz o condutor estacionar bem em frente ao meu destino e o fiz esperar, para que o táxi – desses grandes, de quatro rodas – ficasse entre mim e a residência do doutor John Watson. A casa com a placa “quarto para alugar” na janela ficava quase diretamente na frente da casa dos Watson.

Mentalmente, supliquei à sorte e ao destino enquanto batia a aldrava: *Por favor, que o quarto em questão tenha uma janela voltada para aquela direção.*

E tinha. Perfeito. Perfeito, quero dizer, na importância daquele aspecto. Em outros era terrível: frio, sem acabamento e sem alegria, com uma cama dura e estreita como uma tábua, e uma proprietária desagradável com olhos de pedra que anunciou um valor semanal muito mais alto do que valia. Não é de se estranhar que o quartinho tenha ficado vago até aquele momento. Eu discuti a respeito do aluguel e dos prazos, mas apenas para manter as aparências; a verdade era que teria ficado com o quarto por qualquer preço, e acabaria entregando meu dinheiro e pegando a chave do ferrolho em poucos minutos.

Eu precisava estar no lugar na manhã seguinte, como podem ver. Já durante o meio dia que gastei, um segundo buquê suspeito poderia ter chegado à porta dos Watson – um até mais provocador. Mas, apesar disso, eu não tinha dúvidas de que o remetente maldoso eventualmente providenciaria outro, e quando ele chegasse, eu não poderia perder.

Então, fiz meu condutor me levar até Aldersgate, onde o dispensei e, depois de entrar por uma das portas da estação de trem e sair por

outra, contratei outro táxi. Essas precauções se tornaram uma segunda natureza para mim. Não deveria nunca me esquecer de que condutores poderiam ser interrogados e que eu era uma fugitiva, com o maior detetive do mundo interessado pessoalmente em mim.

Tomei o outro táxi, em seguida, que me levou à rua do distrito leste onde poucos, se nenhum, haviam ido antes: era minha residência. E pedi para que o condutor esperasse enquanto eu embalava as coisas de que precisaria. Enquanto isso, tentava explicar a uma Sra. Tupper bastante consternada e desconfiada:

Vou visitar uma tia por alguns dias.

Hã? – ela levantou sua corneta de audição até a orelha.

Vou visitar uma tia por alguns dias.

– Hã? – com seus velhos olhos aguados totalmente abertos, ainda não conseguia entender, no entanto, não se aventurava a se aproximar de mim. Parada na porta do meu quarto, vendo uma adorável jovem atirando roupas em uma bolsa, sabendo que no último mês era uma garota que mais se parecia com um espantalho e que mal havia se mexido no quarto, tenho certeza de que ela imaginava que eu havia enlouquecido, ou se deveria chamar um guarda para me levar antes que me tornasse uma ameaça para a sociedade.

– Hã? Vai aonde? A esta hora da noite?

– Vou! Visitar! Tia! – gritei dentro de sua corneta de audição. Com uma bolsa em cada mão passei rapidamente por ela e saí porta afora.

A manhã seguinte – domingo – me encontrou aplicando ruge, a marca de nascença, pó de arroz, *etcetera*, a fim de encarar o dia no adorável disfarce de dama – bastante incomodo este novo disfarce. Por toda Londres, as mulheres que se arrumavam para ir à igreja não estavam se esforçando tanto. Pelo menos minha peruca ainda não precisava ser refeita; pendurada na perna da cama – pois eu desejava colocar aquele negócio quente e pesado só quando fosse necessário –, empoleirada e pronta, com o chapéu ainda preso no mesmo lugar. Então, para não ser vista sem ela, fiz com que minha senhoria trouxesse o café da manhã até o andar superior e deixasse a bandeja do lado de fora da minha porta. Enquanto isso, vestindo o corpete para imitar a forma de uma ampulheta e um vestido verde-paris bastante atraente, estufado e cheio de pregas, sentei-me na janela com um par de binóculos de ópera à mão, observando a rua e a residência dos Watson tendo como vantagem o de esconderijo de uma cortina de renda.

Se considerarmos esse esconderijo, apenas minha chegada precipitada se fazia necessária. Depois de alguns dias não faria

diferença se a Sra. Watson me visse; na verdade, eu deveria ter me aproximado dela e dito o quanto havia tido sorte em ver a placa de “quarto para alugar” na minha visita anterior, bem quando estava procurando por novas acomodações e, além dis-so, houve alguma notícia do Dr. Watson?

Entretanto, esperava que esta vigília não durasse mais do que alguns dias, pois mesmo depois de apenas algumas horas já estava me sentindo esquisitamente entediada. As ruas “boas” são muito quietas.

Uma difusa procissão de táxis com licenças para domingo, limpos e brilhantes, a fim de mostrar que a limpeza realmente contém divindade, trazia para a casa diversos vizinhos, incluindo a Sra. Watson que vinha da missa.

Notei que a Sra. Watson se demorou alguns minutos acariciando o cavalo de sua charrete; é raro a mulher que faz isso, especialmente por correr o risco de sujar sua roupa de domingo. Eu observava a encantadora esposa do Dr. Watson com uma mistura de admiração e pena; ela estava vestida de negro, como se já estivesse de luto.

Depois que os fiéis entraram, nada aconteceu por mais ou menos uma hora.

Eventualmente, uma velha arqueada usando um xale mancou de porta em porta, vendendo violetas em uma grande cesta plana.

Isso foi tudo pela meia hora seguinte, aproximadamente.

Uma carroça de água passou fazendo barulho, o cavalo com a cauda lindamente levantada, o que era agradável de assistir até percebermos que o animal está enchendo a rua com o que havia comido antes. Irônico, já que o propósito da carroça de água é limpar as ruas de Londres, tipicamente tão cobertas de sujeira a ponto de uma lesma respeitável não se arrastar por elas. O trabalho de limpá-las não podia parar nem mesmo para o descanso dos domingos, pois havia uma quantidade enorme de cavalos na cidade, e cada um produzia 20 quilos de dejetos por dia, acho que foi isso que minha mãe me contou.

Não pense na sua mãe.

Para me distrair, puxo o elegante broche de opala enfiado no centro da parte da frente do meu vestido, puxando também o punhal fino embainhado no busto de meu espartilho, sendo que a opala é seu pomo. Levantando minha arma pelo seu punho, eu me senti tranquilizada. Tive de usá-la uma vez, em um estrangulador. Embora numa outra vez um tipo diferente de agressor usara sua faca em mim, mas meu espartilho frustrou sua tentativa de me esfaquear. Eu havia me provido com diversos tipos feitos sob medida, para que suas vigas de metal não alfinetassem minha cintura ou espetassem minhas axilas. Isso não apenas me protegeria de tipos como Jack, o estripador, como

também apoiariam o aperfeiçoador de busto e os reguladores de quadril que disfarçavam minha figura magra enquanto serviam de bolsa, contendo suprimentos de emergência, além de uma pequena fortuna em notas do Banco da Inglaterra – cortesia de mamãe.

Não pense na sua mãe!

Escorregando rapidamente a adaga por entre os botões da frente de meu vestido, devolvendo-a em sua bainha em meu seio, passei a fazer um inventário mental dos outros itens que havia ali dentro. Curativos, tesouras, iodo, meias sobressalentes, agulha, linha...

Com sua melhor capa azul e touca, uma babá passou rua abaixo, empurrando o carrinho de bebê com uma sombrinha embutida com uma mão, enquanto guiava com a outra mão uma criança que dava seus primeiros passos, usando um vestido rosa e um babador branco.

Até bocejo.

... lenço de cabeça, apliques para o cabelo, óculos *pincenez* para disfarce, lupa, saís de cheiro, docinhos, biscoitos...

Virando a esquina mais distante, surge um pequeno garoto esfarrapado carregando um ramo de flores quase do tamanho dele.

O inventário e o tédio foram esquecidos na hora, agarrei meus binóculos de ópera e espiei através deles, tentando identificar as flores no buquê. Mas o garoto, maldito menino de rua ignorante, carregava-o embaixo do braço, de ponta-cabeça, como se de outro jeito elas pudessem mordê-lo. Eu mal podia ver se eram flores, e tive de me contentar no momento em memorizar a roupa xadrez e a cara idiota do garoto. Ele parou com a boca aberta examinando qual era o número da casa.

Era possível que ele sequer estivesse procurando pela residência dos Watson, o que em absoluto me preocuparia.

Meu coração pulou em protesto a esse pensamento. *Absurdo. Tinha de ser...*

E era.

Depois de analisar o número ao lado da porta com excessiva demora, ele se virou para subir os degraus da residência dos Watson.

E assim, enquanto ele estava de costas para mim, consegui olhar para as flores do buquê.

Laburnos.

Campânulas.

Convólvulos novamente.

Ramos finos de *aspargos* novamente.

Raminhos de teixo.

Meu Deus.

Deixando cair os binóculos, levantei-me rapidamente, enfiei a peruca (com chapéu e tudo) em minha cabeça, agarrei o man-to, saí correndo de meu quarto temporário e desci as escadas. Tinha a intenção de capturar o garoto assim que ele terminasse sua entrega.

Capítulo oitavo

Laburno, veja bem, apesar de ser uma bela flor, pende de uma cascata de folhas amarelas e significa “pranto”.

A campânula azul, há muito associada as fadas, má sorte e eventos sobrenaturais, significa “submissão à dor”.

O teixo é uma árvore de túmulo, significando morte.

Sendo assim, mesmo que não fosse pelo convólculo e pelas frondes de aspargo, eu teria certeza: estas flores vieram da mesma fonte malévola que o outro buquê bizarro. E não poderia ser essa pessoa mal-intencionada a responsável pelo desaparecimento do Dr. Watson?

Corri escada abaixo, saí pela porta da frente e pela rua o mais rápido possível, mas apenas para encontrar o maldito garoto boca de peixe – que tinha se aproximado bem devagar da casa dos Watson – agora trotando a uma velocidade considerável, desaparecendo ao virar a esquina oposta.

Ah, não. Não, ele não vai fugir de mim. Levantando a parte da frente da minha saia com as duas mãos, corri atrás dele.

Tenho as pernas longas e amo correr, sempre fui a desgraça da família, correndo, escalando e, geralmente agindo como uma bípede – mas esta saia maldita me atrasava até mesmo quando a levantava até os joelhos, e fazer isso me negava a ação apropriada de meus braços. Outras partes da minha personagem compensavam tanto, que minha cabeça balançava e eu gingava de um lado para o outro, lembrando completamente, tenho certeza, um ganso alto vestido de verde com uma tremenda pressa.

Os espectadores me olhavam chocados. Eu me lembro de passar em alta velocidade por uma mulher que ficou parada feito uma estátua de sal, levando as duas mãos enluvadas até a boca aberta de admiração; e os cavalheiros, mal posso dizer como meus membros inferiores os afetavam, pois, mesmo que uma dama em um vestido de noite sempre mostre muito peito, nem um centímetro de tornozelo deve aparecer por baixo de sua saia. Mas eu não me importava com o que estava parecendo ou com o que os outros pensavam, pois quando virei correndo a esquina e vi o garoto dando pulinhos à minha frente:

– Garoto! – eu o chamei.

Simpática o suficiente, pensei, e esperei que ele se virasse, parasse,

e tivéssemos uma conversa gentil, depois eu lhe daria um centavo. Em vez disso, ele olhou para mim por sobre o ombro, com aqueles olhos nada inteligentes, e saiu rasgando como uma lebre diante dos cães de caça.

Que pequeno salafrário, do que será que ele estava com medo?

– Garoto! Idiota, espere! Volte aqui! Sem diminuir o passo, corri atrás dele, vencendo facilmente o pirralhinho assustado do cortiço. E eu o teria agarrado em um minuto se ele não tivesse seguido pelo Convent Garden e se esquivado por uma rua de tráfego pesado. E, em vez de se manter na calçada, ele continuou pela rua de pedras, enfrentando carroças de batatas e carrinhos e charretes e quase passando por baixo dos cascos dos cavalos dos coches. Sendo nascido e criado na cidade, tinha uma grande vantagem sobre uma garota do campo que nunca foi muito acostumada em desviar de ônibus! Ele me proporcionou uma alegre e boa perseguição até que, afinal, eu o perdi completamente de vista.

Na esquina em que o tinha visto pela última vez, parei com o rosto queimando e ofegando, uma das mãos levantava a saia, enquanto a outra arrumava a peruca, que eu sentia como se estivesse a ponto de tirar férias da minha cabeça – coisa maldita, não importa o quão irritante era, eu deveria tê-la colocado antes de tudo e a prendido com grampo. Sem fôlego para resmungar as frases impróprias que vinham à mente, olhei ao meu redor para todas as direções, sem saber para onde virar.

Quase desisti. Na verdade, desisti. Com um suspiro de exasperação e derrota, soltei a saia – as partes que não estavam encharcadas de sujeira de cavalo, que desceu para pelo menos cobrir decentemente meus tornozelos. E então, ignorando os olhares dos domingueiros que se vestiam para serem vistos, destinei as duas mãos para resolver o problema da peruca escorregadia. Tentando restaurar alguma ordem em minha aparência, eu a levantei, para arrumá-la...

– Não! – gritou uma voz aguda. Assustada, olhei para a fonte desse terrível apelo e descobri o menino de rua, o mesmíssimo garoto que estava perseguindo. Ele olhava para mim com os olhos enormes, de onde estava se escondendo, dentro de um dos engradados (feitos para exibir produtos secos) que flanqueavam a porta fechada da mercearia que havia na esquina. Fiquei parada onde estava. Eu tinha, sem saber, bloqueado sua fuga, mas nunca o teria visto se ele não tivesse gritado.

– Não, por favor, não! – ele choramingou.

Continuei parada, imobilizada pelo espanto, com uma mão de cada lado de minha peruca.

Não o *quê*? – perguntei. Eu não conseguia imaginar do que ele estava com tanto medo. Ele guinchou:

Num arranca seu cabelo! Num arranca seu nariz também!

– Ah... – gemi, assentindo lenta e sabiamente, como se ele tivesse explicado tudo.

Obviamente o garoto era um mentecapto e eu teria que me aproximar cuidadosamente. Tomando cuidado para não fazer movimentos bruscos, como se encarasse um animal encurralado, deixei minha peruca deslizar de volta em minha cabeça do jeito que ela quisesse.

– Tudo bem – continuei com um tom calmo, suave. – Não aconteceu nada. Você quer um centavo?

Enfiei a mão no bolso, e a tirei cheia de moedas.

Ouvindo o tilintar e vendo o metal brilhante, o menino pareceu se acalmar ou mudar o foco de sua aflição, como achei que faria.

– Eu só quero conversar com você um minuto. Você pode sair? – eu tentei persuadi-lo.

– Não!

– Então, eu entro, se você não se importar – e simplesmente me sentei na calçada na frente do engradado no qual ele se encolheu. *Só a fadiga*, pensei, *não teria me feito agir assim* – embora estivesse muito cansada de correr –, mas achei o absurdo da situação irresistível. Ao meu redor eu ouvia sobressaltos horrorizados, originando-se dos espectadores e sentia como eles se afastavam, como se minha conduta extraordinária pudesse espalhar algum tipo de contágio. Apenas dois anos antes, durante o Jubileu de Ouro da Rainha, uma senhora se sentou em uma das passagens dentro do Palácio de Cristal a fim de colocar um raminho de pinheiro no topo da bota. Não muito tempo depois ela foi levada a um hospício.

Pelo marido. Não é raro uma mulher ser colocada em um hospício por comportamentos insanos, como ler livros, ir a reuniões espiritualistas, discutir, não obedecer etc. Ter a esposa levada por “apanhadores de corpos” em uma carruagem negra era um respeitável recurso, quando sua presença se tornava onerosa, já que o divórcio era considerado um escândalo.

Foi uma coisa boa eu ter planejado não arrumar marido, pensei, sorrindo e ainda ofegando da “corrida louca”. Sentada, joelho a joelho com minha vítima, como se fôssemos duas crianças brincando de “hora do chá”, eu disse ao pequeno selvagem das ruas:

– Como você está? Muito prazer em conhecê-lo – como se estivesse selecionando um bombom, levantei uma moeda entre meus dedos. – Não pude deixar de observar que você entregou um buquê de flores adorável na residência dos Watson bem agora. Cautelosamente, o garoto me contradisse:

– Num conheço nenhum Watson – mas o olhar dele estava fixo na moeda de cobre.

Como você sabia qual era a casa, então?

O homem me disse o número.

Que homem?

Ué, o homem que arrancô o nariz.

Minha mente começou a ficar tão exausta quanto minhas pernas, mas apenas concordei lenta e sabiamente mais uma vez, decidindo me enredar pela improbabilidade nasal por enquanto.

– E como foi que você conheceu esse homem?

Ele me chamô – o menino demonstrou um gesto do tipo que qualquer pessoa, de qualquer importância, usa para chamar algum menino de rua desocupado caso queira carregar um pa-cote, entregar uma mensagem, segurar um cavalo pelas rédeas ou prestar qualquer serviço simples.

Ele estava em um cabriolé ou em uma carruagem? – perguntei.

Não! Ele tava em uma carroça brilhante, das que têm cavalo.

Evitando dizer a ele que uma carruagem também era um veículo puxado por cavalos, eu simplesmente perguntei:

– Uma faetonte, uma bege?

– Não sei de nada bege. Era uma carroça chique e preta, com paus amarelo nas roda.

Uma descrição que se aplicaria a metade dos veículos de Londres. Eu tentei novamente:

– Você viu um brasão?

– Claro, ele tinha um casaco e tinha um braço dentro. Os dois braço, e duas mão. E me deu as fror com uma e doicentavo com a outra.

Perdendo o medo, o garoto ia se tornando mais falante. Uma coisa boa, já que eu me tornava menos falante, tentando fazer perguntas a esse garoto com uma cabeça grande demais para seu corpo diminuto e sua inteligência tão pequena.

– Hum... e como esse homem era?

– Comu era? Comu qualqué rico é? Só uma cara comprida com bigode no queixo e um chapeuzão alto, só que ele tirou o nariz fora. Lá estava ele novamente.

– Ele tirou o nariz? – eu me esforcei para manter a incredulidade fora do tom. Aparentemente fui bem-sucedida, ou então o horror da memória tomou conta do menino de tal forma que ele não pôde parar de falar. Num só fôlego, ele disse:

– Bateu na porta, quando ele botô a cabeça pra fora pra me dá as flor. E caiu no colo dele, e num sei o que me assustô mais, aquele nariz caído ou o jeito que ele pegô o nariz e me xingô e balançô ele para mim; me mandô levar as flor direitinho ou ele vem atrás de mim e faz o mesmo comigo e arranca meus olho pra vendê.

– Hum, e você viu sangue?

– Não! – o rapaz começou a tremer. Parecia que a cara dele era de cera.

– E o que ele tinha onde devia estar o nariz?

– Nada! Qué dizê, ele só tinha buraco, igual um esqueleto – o garoto tiritava.

– Buracos?

Mas o menino havia entrado em um estado de tremedeira convulsiva.

Por favor, num arranca fora seus cabelos nem suas orelhas, nem nada!

Ah, pelo amor da deusa, por que eu faria isso? O homem colocou o nariz de volta?

Eu não sei! Eu corri! Eu entreguei as flor do jeito que ele mandô e então cê correu atrás de mim! – o menino de rua começou a soluçar, não o rugido habitual de um jovem bárbaro, mas o lamento de uma alma em aflição.

Seu encontro com o estranho, aparentemente, o perturbara consideravelmente.

– Por que correu atrás de mim?

– Não importa – eu me levantei (consciente de que cada pessoa bem-educada passava me dando uma longa olhada e fazendo cara feia) e entreguei ao menino seis pences em vez de um centavo, pois me senti arrependida por ter lhe causado tanta aflição. Não havia sentido tentar tirar mais nada dele.

Sentido? Que sentido havia em tudo o que eu fiquei sabendo ali?

Capítulo nono

Voltando na mesma hora ao meu quarto temporário pelo caminho mais discreto, eu precisava urgente de água quente. Enquanto me lavava, vesti uma roupa limpa, lavei a sujeira da saia e arrumei meu cabelo, ou seja, tirei a peruca, depois a penteei e a preendi de um jeito razoavelmente atraente – acho.

Tentei pensar, mas só conseguia imaginar como foi que o homem perdera seu nariz. Eu me recordei vagamente que, em algum lugar durante a Renascença, existiu um pitoresco astrônomo dinamarquês que perdera o nariz em um duelo, mas os duelos atuais eram feitos com pistolas, não com espadas, e haviam sido proibidos na Inglaterra, embora ainda fossem praticado nos pequenos países mais atrasados do continente. Suponho que alguém possa ter seu nariz arrancado por uma pistola. O astrônomo dinamarquês – lembrei-me do nome, Tycho Brahe –, depois do duelo, passou a usar um nariz feito de prata de lei. Eu me perguntei por que ele não escolheu ouro, que dificilmente seria de tão mau gosto, mas suponho que as pessoas pensassem de um modo diferente a respeito de determinadas coisas antes do reinado da rainha Vitória.

Suponho, agora que estou pensando sobre isso, que provavelmente há inúmeros homens na Inglaterra cujos rostos foram igualmente alterados. Se não em duelos, então nas guerras: a Rebelião da Índia, a Segunda Guerra Anglo-Afegã, coisas desse tipo. Certamente não usam narizes de prata ou queixos e orelhas como era o caso. Que...

E, assim, deu-se uma batida tímida na porta de meu quarto, a garotinha mão-pra-toda-obra que trabalhava para minha senhoria – um fiozinho miserável de gente que não deveria ter mais de dez anos de idade – pergunta:

– Vai jantar, Srta. Everseau?

– Sim, descerei imediatamente – embora a disposição de minha atual senhoria fosse totalmente contrastante com a da Sra. Tupper, as refeições que ela servia eram bem superiores. Enquanto isso, mandei a garota sair e trazer os jornais da tar-de e, quando voltei para o quarto, depois de um excelente jantar de cordeiro assado com molho de menta, liguei as luzes a gás – que luxo ter tal iluminação fácil e eficaz, apesar dos canos sibilarem e murmurarem como um lunático

balbuciente. Sentada na cadeira, que já não era tão confortável, li todos os jornais, verificando primeiro se não havia nenhuma novidade no caso Watson – nada havia sido reportado. Depois me certifiquei de que meu anúncio pessoal havia sido incluído: “Espinheirosalvares, convovuláceas, aspargos e papoulas: o que você quer? Responda nesta coluna. M.M.W.”

Havia. *Interessante*, pensei, achando que o remetente dos buquês bizarros, deixando para lá o assunto do nariz por um momento, pudesse ser um *homem*. Flores, geralmente, eram consideradas de domínio feminino, apesar de, é claro, existirem alguns cientistas amadores excêntricos, seguidores de Malthus e Darwin, tentando fazer polinização cruzada de orquídeas em estufas. E também, sobre tal reflexão, suponho que qualquer homem que já tenha cortejado e/ou se casado certamente aprendeu algo sobre a linguagem das flores. Que sorte a minha que meus dois irmãos sejam solteirões convictos, ou seja, ignorantes. Sem dúvida, como Sherlock ficava de olho nos anúncios pessoais, procurando qualquer exigência relativa a Watson, ele notaria os “espinheiros-alvares, colvuláceos, aspargos e papoulas” e ficaria intrigado, possivelmente até pensativo. Poderia cair no erro de achar que isso teria algo a ver comigo e com nossa mãe; eu duvidava que ele chegasse perto da verdade. Em todo caso, esperava algum tipo de resposta do homem do espinheiro na manhã seguinte.

Enquanto isso, perscrutei os jornais da manhã e do dia anterior que não havia lido por estar muito ocupada.

Havia muita coisa para se ver, e nenhuma razão particular a não ser a disciplina de me manter atualizada com as notícias. Mas, depois de um tempo, percebi que lia sem compreender, e ocasionalmente uma pessoa precisa abrir exceções. Bocejando, decidi que depois de terminar de ver as “colunas agônicas” da *Gazeta Pall Mall*, que estava em minhas mãos no momento, eu iria jogar tudo no fogo...

E foi então que vi.

422555 415144415211 2542443153 53434151 51 241511434153
11335334 445115 31344244114354513353

Ah. Ah, minha deusa. Subitamente desperta, com meu coração acelerado, peguei papel e lápis. Primeiro, registrei o alfabeto, desta maneira:

ABCDE

FGHIJ

LKMNO

PQRST
UVWXYZ

Então, comecei com a primeira letra. Quarta linha, segunda letra: Q. Segunda linha, quinta letra: J. QJ ? Percebendo meu erro, começo de novo. Quarta letra da segunda linha: I. Segunda letra da quinta linha: V. Quinta letra da quinta linha: Y. IVY. Sim, *era* para mim. O sussurro dos canos da luz a gás agora soava como um fantasma no quarto. Um doloroso, ainda que imaterial, corpete envolvendo meu peito; eu não conseguia respirar direito enquanto continuava decifrando a mensagem. Mas não demorei muito para completar o serviço:

IVY DESEJA VISCO ONDE E QUANDO AMOR SEU CRISÂNTEMO

A melhor também é a pior de todas as mensagens possíveis. Parecia que eu já não podia mais evitar pensar em minha mãe.

Dormi muito pouco aquela noite. Na verdade, se eu não tivesse deixado meus disfarces quentes e negros lá na Sra. Tupper, não teria sequer tentado dormir; teria perambulado pela cidade em busca dos menos afortunados que eu, a quem dou comida e algum dinheiro, e que me fazem pensar menos nas minhas próprias dificuldades. Essas buscas tão tarde da noite eram um costume; uma pereba na Viola Everseau por me afastar disso. Em vez de tudo isso, eu deveria me deitar em uma cama estreita e dura enquanto meus pensamentos se recusavam a parar, dando voltas e voltas como crianças barulhentas e mal-educadas.

Não restava mais ordem no universo? Minha mãe nunca antes havia começado uma comunicação comigo. Era sempre ao contrário.

Seria um truque. Como da outra vez que “minha mãe” – na verdade, meu irmão Sherlock – planejou o encontro. Só que agora Sherlock havia entendido o código das flores, dizendo “visco” em vez de “um encontro”...

Mas certamente Sherlock não perderia tempo comigo neste momento, com o Dr. Watson desaparecido!

Talvez fosse realmente a minha mãe.

E, se fosse, minha mãe deveria estar com algum problema terrível.

Mas ela não teria dito sua hora e lugar se a necessidade de me ver era tão urgente?

Se alguém estivesse me armando uma armadilha, pedindo para escolher quando e onde, não era essa uma maneira de me atrair?

Falando diretamente, minha mãe não teria dito “visco”, que significa um encontro marcado entre um cavalheiro e sua amante. Mãe teria dito “anagális escarlate”.

Ela poderia ter usado “anagális”, uma palavra só um pouco maior que “visco”.

Não é isso que ela devia ter feito? A mensagem era falsa, não havia sido enviada por ela, era um truque?

Mas por quê? E por quem?

Estava na *Gazeta Pall Mall* e em mais nenhum outro jornal. Na publicação favorita de minha mãe e em nenhum outro.

Tinha de ser minha mãe. Eu queria que fosse de minha mãe.

Eu queria ver minha mãe?

Sim.

Não. Não, eu estava brava com ela, por uma boa razão.

IVY DESEJA VISCO ONDE E QUANDO AMOR SEU CRISÂNTEMO

A mensagem dizia “amor”.

Minha mãe nunca havia dito tal coisa para mim em toda sua vida.

Era um truque.

Era o que eu sempre quis dela.

Ou a mensagem era falsa – mas de quem? –, ou finalmente minha mãe havia encontrado em seu coração algum tipo de afeto por mim.

Se eu não respondesse, ficaria na dúvida para sempre.

E, se eu respondesse, estaria arriscando a mim e a minha liberdade por causa de uma simples e inconstante palavra.

Quando alguém não sabe o que fazer, a prudência diz que não se deve fazer nada, mas não consigo aguentar tal passividade. Daí minha inclinação para vagar durante a noite. E, na falta desse alívio, na manhã após a noite maldormida me levantei e me arrumei para sair, mesmo sem saber para onde ir e o que fazer. Vesti meu corpete-arma-suprimento-munição, anáguas e um vestido com babados, franzidos, ondas e ornamentos suficientes para me “exibir” pelas ruas da cidade, e fui embelezar meu rosto (em outras palavras, fui me disfarçar totalmente). Tudo isso enquanto minha mente continuava seus intermináveis círculos de traquinagens. Seria verdadeira a mensagem de minha mãe? Eu deveria respondê-la? E o que deveria dizer se, e quando, respondesse?

No momento, por mais que não gostasse de indecisão, eu esperaria. Pelo que eu sabia, na única vez em que pedi ajuda para minha mãe, ela me fez esperar, e esperar, e esperar ainda mais; na verdade ela nem respondeu, e meu ressentimento foi tanto que me senti *obrigada* a não vê-la até que conseguisse disciplinar meus sentimentos, ou acabaria dizendo algo do que pudesse me

arrepender depois. Mas, ao mesmo tempo, se agora ela estivesse real e sinceramente disposta a se aproximar de mim, e eu não respondesse... E se ela estivesse doente e só tivesse pouco tempo de vida? E se essa fosse minha última chance de fazer as pazes com ela?

Besteira. Se minha mãe estivesse no leito de morte, dificilmente me mandaria escolher a hora ou lugar para um encontro!

Mas...

E mas, e mas... e assim meus pensamentos dão voltas e voltas até, como um boi de moinho, se cansarem de percorrer o mesmo caminho gasto. E eu tinha me esquecido do desaparecimento do Dr. Watson, da desamparada Sra. Watson e do remetente dos buquês bizarros, o dono do mais peculiar nariz removível.

Contudo, coleí minha marca de nascença na têmpora e, da cozinha escondida em algum porão da minha mente, veio a elucidação servida em uma bandeja de prata, respondendo minhas perguntas malfeitas sobre o dia anterior: O que os homens com o rosto desfigurado pelo combate fazem para atenuar ou esconder o defeito? Como um elevador para refeições se abrindo para exibir uma bandeja de bolinhos, o bom-senso me serviu a resposta: se alguém precisasse, por que não, de um nariz falso ou orelha, seja lá o que for, feito de modo realista com borracha da cor da pele, onde esse alguém obteria tal coisa? Sem dúvida, em um dos estabelecimentos que vendem massa para modelar disfarces, carecas e outras parafernálias teatrais, ou talvez até mesmo na loja onde comprei minha marca de nascença e minha peruca.

Pertelote.

Que costumava chamar Chaunticleer.

Salvação! Como eu precisava de algo para fazer, teria de ir até lá.

Capítulo décimo

Ponto para a proprietária com cara de bandeja por não ter me olhado admirada, nem soltado nenhuma exclamação quando entrei na Pertelote. Ela apenas me observou e murmurou:

– Minha deusa. Deus do céu. E combina esplendidamente com você. Meus parabéns Srta... ah, Everseau. Ela reconheceu a peruca e a marca de nascença, lembrando-se da minha aparência nada impressionante quando fiz as compras, ela até lembrou do nome que havia imprimido em meus cartões de visita.

– Obrigada – eu sorri, ela sabia tanto quanto eu que o nome que eu usava não era o meu nome de verdade, assim como eu não era o que parecia ser, mas não ouvi troça, condescendência ou ironia em sua voz; ela tinha certo calor de discrição, e podese dizer até maternal...

Como se minha mãe sempre cuidasse de mim? Não pense na sua mãe.

– Como posso ajudá-la hoje?

Com alguma dificuldade, disciplinei meus pensamentos para cuidar dos meus negócios, que consistia em fazer perguntas a Pertelote sem parecer que as fazia. Entretanto, tinha que fingir estar em sua loja com outros propósitos.

– As sombras para os olhos – murmurei. – Achei que são bem desconfortáveis. Você não tem alguma outra... coisa...

– É claro. Por aqui.

Ela me levou até uma alcova nos fundos, escondida do resto da loja, onde me revelou uma quantidade enorme de substâncias extraordinárias – líquidas, em pasta e em pó –, que poderiam ser usadas para melhorar os olhos de alguém. Gotas para aumentar o brilho. Aumento dos cílios para evitar a necessidade de outras falsidades sem sentido. Brilhos para as pálpebras e para as sobrancelhas, “sombras” e lápis coloridos.

– O segredo – explicou Pertelote – é usar só uma pitadinha. Essa vantagem é jogada fora se alguém a percebe.

Sentada em uma divina cadeira forrada com uma saia de renda, em frente a um espelho muito bem iluminado, untando levemente meu rosto com unguentos milagrosos enquanto ela me orientava, eu exclamei:

Fascinante!

Pois é.

Esses materiais são usados no teatro?

– Não, esses são muito sutis para o palco. Esses emolientes são mais difíceis de se perceber. Pode encontrá-los nas gavetas das penteadeiras dos condes, duquesas e inclusive das rainhas.

Pura enganação, claro, mas mesmo assim me peguei acreditando um pouco nela. Muito impressionada, olhei para seus traços largos flanqueados por coques de cabelo branco.

– Sinto-me honrada. Mas como você veio a descobrir essas coisas?

Ué, fazendo negócios.

Mas como você entrou nesse tipo de negócio?

– Uma pessoa desesperançosamente feia trabalhando com os segredos da beleza, você quer dizer? – ela proferiu essas palavras chocantemente francas com um sorriso no qual não vi o menor traço de amargura, apenas divertimento. – É irônico, não é? – finalizou.

Sua honestidade extraordinária me deixava tão encantada quanto perplexa.

– Realmente isso não foi o que quis dizer – disse-lhe sinceramente. – Como uma mulher vem cuidar de uma loja tão fora do comum como esta?

Eu percebo que – o que é estranho para uma pessoa tão decidida – ela hesitou levemente antes de me contar.

Ah, bem, esta loja era do meu marido, sabe.

Ah! Chaunticleer era seu marido?

Mas nem por um corte de tecido bom acreditaria que esse era o nome de verdade de Chaunticleer. Suponho que tenha sido por isso que ela sorriu de maneira estranha.

Eu resolvi extrapolar.

E ele era um ator, ou algo do tipo, que acabou entrando neste tipo de comércio?

Não, não mesmo – ela parecia cada vez menos inclinada a responder minhas perguntas.

Mas ele faleceu? – na ordem natural das coisas ela teria assumido a loja por ter enviuvado.

– Não, ele se aposentou.

Seu tom tentava colocar um fim na minha curiosidade, mas me recusei a ser reprimida.

Verdade? Que encantador da parte dele – apregoei. – Como ele passa o tempo agora?

Ah, em sua preciosa estufa – a resposta saiu da boca dela com um tom tão duro, que se poderia pensar que ele matava cãezinhos para passar o tempo.

Estufa?

Eu tinha ido ali com a intenção de descobrir se ela já tivera algum cliente procurando narizes falsos, mas em vez disso descobri que ela tinha um marido que, talvez, cultivasse flores bem sórdidas.

– Você não gosta da estufa? – perguntei humildemente.

– Não gosto do marido – ela respondeu severamente, mas com uma sinceridade tão desarmante que nós duas começamos a rir. Depois, ela mudou de assunto.

– Você gostaria de ver os emolientes mais novos para os lábios, senhorita Everseau?

Buscando acalmá-la, apliquei um de cor rosada em minha boca, depois que o selecionei entre os “emolientes secretos” que ela me mostrou. Fiz uma compra generosa o suficiente para que ela, espero, pense em mim de forma amável. Uma vez que os itens foram colocados em um saco de papel pardo, eu os enfiei em minha bolsa de compras. Hesitei na porta da Pertelote, no momento da saída. Parecia-me que, tendo falhado em levar a conversa de modo a conseguir meu objetivo, deveria ser mais direta e perguntar agora ou nunca.

– Fiquei imaginando – comecei a dizer como se dissesse “a propósito” – se já houve alguma ocasião, Sra. hã... Minha pausa perguntava seu nome.

– Kippersalt – ela disse, um tanto relutante.

– Ah, Sra. Kippersalt, se já houve alguma ocasião em que a senhora vendeu orelhas falsas, talvez, ou dedos, para pessoas que perderam os seus próprios?

Ela começou a assentir e a declarar com um pouco de orgulho.

Sim, certamente... Mas eu ainda não tinha terminado de falar.

Ou um nariz falso, talvez?

Seu assentimento parou abruptamente, e seu tom de voz se tornou afiado.

– Por que pergunta?

– Um conhecido teve um encontro muito interessante, para não dizer desconcertante, com um homem cujo nariz caiu – respondi. – Só fiquei imaginando...

Ela explodiu:

O que ele fez agora? Interessante!

Quem? – eu exigi.

Não importa – seu sorriso habitual havia se tornado uma carranca. Subitamente consciente de seus ossos grandes e de sua força, precisei me controlar para não fugir dela. Tudo que se parecia maternal nela tornara-se uma ameaça.

Por que está curiosa? – ela exigiu, agora com o sotaque do distrito leste e os grandes punhos apoiados no grande quadril, enquanto me olhava com os olhos brilhando. – Quem é você? Agora que você sabe meu nome, qual é o seu?

E então, quando não respondi:

– Não quero fazer negócios com você! Saia daqui e não volte nunca mais.

Não permaneci ali para discutir o assunto, mas saí com a mais viva curiosidade dando cambalhotas na minha cabeça. Eu tinha, afinal, ido até a Pertelote – Sra. Kippersalt, lembrei-me, Kippersalt, eu tinha que me lembrar desse nome –, tinha ido apenas para saber se era possível um homem sem nariz usar um de borracha, e se, em caso afirmativo, ela conhecia algum?

Bem. Parecia que conhecia, mais próxima e dolorosamente do que ela desejava que alguém soubesse, mas o que eu deveria fazer a respeito disso?

Enquanto descia a Holywell Street, senti muita vontade de parar e sentar em algum lugar para pensar, talvez colocando tudo num papel, mas não podia parar. Na verdade, eu havia acelerado o passo, pois, apesar da minha abstração mental, notara que a maioria das cabeças masculinas se voltava para mim enquanto passava, inúmeros cumprimentos não solicitados dos “cavalheiros” que vagavam em torno dos escritórios de publicações, e uma peste masculina me seguia – não, duas pestes! Mas o que, em nome de Deus...

Então, percebi que ainda usava a coloração labial e as várias pinturas, “sombas”, brilhos, aumentadores de cílios etc. que eu havia colocado na alcova secreta da Pertelote.

Ah, droga. Homens são tão tolos. Quanto mais artifícios, mais eles... que imbecis... se encantarem com uma peruca, um pouco de enchimento e pintura. Será que eu havia me tornado um pouco arrebatadora *demais*?

Pelo menos havia alcançado calçadas mais espaçosas na rua paralela. Afastando-me rápido de Holywell Street, procurando algum lugar onde me esconder, escutei o grito familiar de um garoto vendendo jornais:

– Jornal! Jornal! – ele gritava com seu sotaque londrino. Passando

rápido por onde ele estava, joguei meu centavo em seu boné e peguei um jornal, que abri na hora, ali mesmo onde estava, simplesmente para me esconder atrás dele.

E feito isso, com muito esforço consegui acalmar minha respiração. Como meu único remédio em momentos de provação, imaginei o rosto de minha mãe e me lembrei das palavras que ela tanto me repetia: “Enola, você vai se sair muito bem sozinha”. Mas, em vez de me acalmar, o pensamento de minha mãe fez meu coração acelerar ainda mais, pois aquela mensagem – IVY DESEJA VISCO ONDE E QUANDO AMOR SEU CRISÂNTEMO –, que eu ainda não respondera, havia vindo dela ou não?

Problemas demais. O que fazer a respeito da minha mãe? O que fazer a respeito do comportamento estranho da Sra. Kippersalt? O que fazer a respeito do desaparecimento do Sr. Watson? Verificando as “colunas agônicas” do jornal que eu segurava, procurei a resposta para “Espinheiros-alvares, convolutáceas, aspargos e papoulas”, e sem muita satisfação encontrei:

M.M.W.: Beladona. Agradecido, Teixo. Nem um pouco útil. Apenas assustador.

Beladona é uma flor selvagem muito atraente, cujos frutos são venenosos. Apesar de não ser encontrada em nenhum dos dicionários habituais sobre os significados dos buquês, seu nome em inglês já expõe sua ameaça: *Deadly Nightshade*. *Deadly*: mortal. A inserção desdenhosa do teixo, símbolo dos cemitérios, deixava ainda mais claro: uma ameaça de morte direcionada, talvez, ao pobre Dr. Watson.

Deus do céu, eu tinha que fazer alguma coisa, mas o quê? Imobilizada, atrás da minha blindagem de jornal, fiquei parada tentando pensar, mas achei quase impossível formular qualquer plano racional quando, pelo canto dos olhos, vi de relance figuras masculinas perto de mim, olhando-me provocativamente; sabia que eles tencionavam me seguir – apesar de ainda achar difícil de acreditar como os homens em geral são tolos! Mas a experiência me forçava a concluir que a visão de uma mulher bonita transformava a maioria deles em idiotas. É só ver como os atendentes masculinos nos escritórios dos jornais mudaram suas maneiras comigo quando eu...

Um pensamento iluminado abriu bem meus olhos.

Atendentes masculinos.

Escritórios dos jornais.

Hummm. Arriscado, pois me faltava experiência na arte feminina do flerte, mas certamente valeria a tentativa. Eu não tinha nada a perder por tentar.

Dobrando o jornal e agarrando minha sacola de compras e minha

bolsa, caminhei a passos largos até o táxi mais próximo, ignorando as pragas no meu encalço. Escolhendo uma charrete de quatro rodas onde poderia me esconder, disse ao condutor:

– Fleet Street.

Capítulo décimo primeiro

A caminho, coloco os planos em ordem na minha mente. O objetivo de minha missão era duplo: descobrir a descrição, se não a verdadeira identidade, da pessoa que colocou o anúncio “Beladona. Agradecido, Teixo”, e também tentar descobrir se havia sido minha mãe que enviara a mensagem “*deseja visco*” para mim.

Decidi que deveria tratar do assunto do buquê bizarro primeiro, pois a vida do Dr. Watson poderia muito bem estar correndo perigo. Em segundo lugar, admito, por outra razão egoísta: assumindo que a “Beladona. Agradecido, Teixo” tenha sido colocada em todos os jornais, eu teria diversas oportunidades de colocar meu plano em prática. Porém como a 422555 415144415211 (IVY DESEJA VISCO) apareceu apenas na *Gazeta Pall Mall*, eu tinha que saber o que faria antes de chegar lá.

Na privacidade do táxi, retirei uma tesoura de meu busto a fim de recortar a mensagem do jornal antes de jogá-lo fora. E então, na esquina mais cheia da Fleet Street (pois eu não desejava ser notada), eu bati no teto do táxi para que o condutor parasse. Depois de pagar, andei alguns passos até o escritório do jornal mais próximo (era o do *Daily Telegraph*) e me aproximei da recepção, onde um jovem “cavalheiro” brincava com uma caneta e um mata-borrão.

– Com licença – balbuciei com a voz mais sussurrante que consegui.

Ele olhou para cima indiferente, mas por causa da minha beleza ele me direcionou sua atenção como um perdigueiro sobre sua presa.

Arrulhei:

– Por acaso você se lembra de quem colocou este anúncio pessoal?
– eu mostrei a ele meu recorte.

– Eu, hum... – com dificuldade ele consegue ler e me lançar olhares sedutores ao mesmo tempo. – Beladona. Agradecido, Teixo. Ah sim, essa é das esquisitas. Parece que me recordo...

– Nós não damos tal informação – interrompeu uma voz feminina bem formal. Levantei os olhos e vi uma mulher mais velha vestida com uma (também bem formal) roupa de lã, obviamente era uma supervisora, parada. Ela desceu os olhos brilhantes na direção do jovem na recepção, mas direcionou seus comentários para mim, repreendendo-me como se eu fosse uma aluna dela.

– Se você fosse colocar um anúncio pessoal, não gostaria de ter sua identidade revelada, gostaria?

Pegando de volta meu recorte do infeliz atendente, virei-me e saí com toda dignidade que pude reunir. Fora o bastante para o *Daily Telegraph*. Prossegui na direção do próximo escritório.

Um dia muito longo se seguiu. Pouparei o gentil leitor do relato completo de minhas recusas e quase triunfos e direi apenas que, de modo geral, os homens me receberam bem e as mulheres não; muito pelo contrário. Eu consegui obter pequenas informações quando homens, e não mulheres, estavam presentes. Em duas ocasiões, com alguns jovens – não posso dizer cavalheiros, já que isso implica que lhes devo alguma familiaridade em troca – de fato me senti muito envergonhada enquanto os chantageava para lhes tirar alguma informação. Mas colocando de lado minha náusea de donzela, encontrei razão para ficar satisfeita: os registros bateram. O anúncio do “beladona”, os dois disseram, havia sido colocado por um homem bastante peculiar, de cavanhaque grisalho, que usava uma cartola apesar de não parecer da alta sociedade, evidentemente, tentando parecer mais alto, pois era bem baixo, de ossos grandes e de um modo geral bastante repulsivo. Pressionados sobre o que, exatamente, além de sua falta de estatura, causava essa impressão, eles responderam que ele tinha uma aparência estranha. “Cadavérica”, disse um deles. “Como um leproso”, disse o outro. Perguntei como e disseram que parecia lhe faltar algo, mas explicaram que havia alguma coisa muito estranha no rosto do homem.

– Como se fosse um boneco de cera, se você já viu um desses.

Parecia-me que eles estavam descrevendo muito bem “uma cara comprida com bigode no queixo e um chapéuzão alto, só que ele tirou o nariz fora”, como me contou um garoto de rua muito perturbado. Um homem com um nariz falso colado, a junção disfarçada com massa para maquiagem. Esse artifício daria a sua aparência tons, texturas e rigidez sutis, porém perturbadores.

Dado ao que descobri, senti que seria seguro supor que o remetente dos buquês bizarros tinha, de fato, respondido ao meu anúncio. E, apesar de me sentir grata por verificar sua existência, ao mesmo tempo fiquei preocupada: como encontrar esse indivíduo tão interessante?

Eu não tinha ideia.

Exceto que Pertelote – Sra. Kippersalt – poderia saber algo sobre ele, já que agiu de maneira tão estranha às minhas questões.

– O que ele fez agora? – e depois me expulsou tão colericamente de sua loja. Humm. Eu queria muito saber onde os Kippersalt viviam e ver se o Sr. Kippersalt cultivava espinheiros-alvares em sua estufa. De

fato, eu desejava muito ver o próprio Sr. Kippersalt, para ver se seu rosto parecia comprido, leproso, cadavérico, ceroso etc.

Será que eu o encontraria se seguisse a Sra. Kippersalt depois do expediente?

Não seria muito lógico, decidi depois de breve consideração. Naquela época do ano, a escuridão ainda não havia caído totalmente na hora em que as lojas fechavam, e se a Sra. Kippersalt me visse de relance, não importa como eu estivesse vestida, ela me reconheceria, pois já me viu com tantos disfarces. E também não queria repetir a aventura de “ser a sombra” de alguém. Da última vez, andando pela rua para evitar a luz dos postes, quase fui esmagada por um Clydesdale[5] que puxava uma carroça de madeira.

Não. Eu teria que encontrar o Sr. Kippersalt de outra maneira.

Kippersalt: um sobrenome não muito comum, e localizar sua residência deveria ser bem simples se Londres fosse administrada de modo sensato, mas não era. Na verdade, a maior metrópole do mundo também era a mais mal governada do mundo. Londres era organizada – ou, mais apropriadamente, desorganizada – em mais de duzentos bairros, cada um com seu tabelião, coletor de impostos, policiais etc.

Entretanto, imaginando que os Kippersalt não moravam muito longe da loja – como era o caso mais frequente de pessoas idosas envolvidas com comércios, que se estabeleceram antes que o metrô comesse a trazer trabalhadores da periferia de Londres para a cidade. Se os Kippersalt viviam na Holywell Street ou ali perto, eu deveria visitar apenas dois ou três escritórios de bairro antes de obter alguma informação.

Enquanto esses pensamentos ocupavam minha mente, meus passos me levaram de volta à Fleet Street, na direção do único jornal que eu não havia visitado ainda: a *Gazeta Pall Mall*.

Assim que entrei meu coração afundou, pois vi que uma mulher com cara de celibatária rígida ocupava a mesa da recepção.

Apesar disso, eu tinha que tentar. No parapeito da janela jaziam várias cópias das edições dos últimos dias. Com meu coração idiota batendo sob a adaga escondida na frente do meu vestido, localizei aquele que precisava e o abri para encontrar entre os anúncios pessoais o “422555 415144415211 2542443153 53434151 51 241511434153 11335334 445115 31344244114354513353 (IVY DESEJA VISCO ONDE E QUANDO AMOR SEU CRISÂNTEMO)”.

Mostrando-o para a vara seca em forma de mulher atrás da mesa, perguntei, na verdade, implorei:

Poderia me dizer quem colocou este anúncio?

Na verdade não posso – ela respondeu de pronto. Não podia ou não

queria? Ela parecia ser a rainha virgem de seu pequeno reinado, alguém que sabia de tudo. Tentei de novo.

– Pode me dizer, pelo menos, se era homem ou mulher? – se fosse mulher, só poderia ser minha mãe. E ao pensar isso, meu coração congelou. Se fosse assim, eu não saberia o que responder. Mas a velha donzela atrás da mesa rapidamente disse:

– Não posso dizer nada.

Eu lhe ofereci suborno; ela reagiu com raiva. Mesmo assim, supliquei a ela por diversos minutos. Só quando ela ameaçou chamar a polícia é que saí do escritório.

Muito bem, fiz o possível.

Apesar de parecer que algum cozinheiro invisível estava preparando um estranho pudim de emoções em meu peito – estaria eu perturbada ou aliviada por não ter encontrado nada? –, apesar disso, no momento precisei tirar minha mãe do pensamento.

Havia um assunto muito mais urgente com o qual me preocupar. Um bem mortal, agradecido Teixo.

Algumas horas depois, entrei na humilde casa de uma muito confusa Sra. Tupper, que piscou várias vezes quando me viu entrando.

– Srta. Meshle – ela perguntou incerta. – Gostaria de jantar?

– Não, obrigada, Sra. Tupper – eu estava com muita pressa de vestir minhas roupas negras, imperceptíveis. – Não tenho tempo.

Este fato não melhorou meu humor, pois me senti vazia como um tambor, já que havia perdido o almoço também.

– Hã? – a velha alma surda levou sua corneta à orelha.

– Não! Obrigada! Sra. Tupper! – pela primeira vez, gritar não foi um incômodo, mas um alívio para meus sentimentos.

Meus pés doíam terrivelmente por ter percorrido a Fleet Street de cima a baixo e *ainda* visitar oito – não, dez, eu ha-via perdido a conta –, um número incontável de escritórios de bairro sem localizar um único Kippersalt, com exceção de um August Kippersalt, que estava internado no Hospício Colney Hatch. Era impossível que ele fosse meu homem. Esse havia sido o meu dia de maior provação.

Minha única esperança, então, era, depois de tudo, voltar à Pertelote na hora em que aquela mulher acima do peso, agitada e galinácea fechasse a porta para ver aonde ela ia.

Mancando escada acima, a caminho do meu quarto, aliviei meu sofrido pé das minhas infelizes botas da moda. Arranquei minha peruca e afrouxei o vestido – tafetá, cor de pêssego, entrelaçado com fitas branquinhas, o mais inadequado para quem quer discrição – e, em seguida, puxei com força um negro e comum conjunto de saia e

blusa de meu guarda-roupa para vestir. Enfiei meus pés cheios de bolhas em meias grossas, e depois em minhas botas velhas e confortáveis. Como não tinha tempo para lavar os “emolientes secretos” de meu rosto, esfreguei cinzas do aquecedor em mim e me transformei em uma bela mendiga. Depois, escondi a adaga na frente do meu corpete, peguei um xale preto desbotado para cobrir minha cabeça, e corri escada abaixo, sentindo o olhar mais do que intrigado da Sra. Tupper enquanto escapava porta afora.

Capítulo décimo segundo

– Táxi! – gritei imperiosamente à primeira oportunidade.

O condutor, embora não fosse um orgulho para a sociedade, virou-se incrédulo por ser contratado por uma aparente mulher dos cortiços.

– Tá falando comigo?

Joguei para ele uma moeda de ouro, que imediatamente silenciou suas dúvidas e objeções.

Esquina da St. Mary – disse, enquanto subia, pois aquela era a esquina mais próxima da Holywell Street; ele não podia saber onde eu estava indo de verdade. – E mais uma moeda se me deixar lá em dez minutos.

Sim, moça! – muito dinheiro à mão funciona melhor do que uma beleza avassaladora para transformar o *status* de alguém, sob certas circunstâncias. – Sou o homem certo! Eu e meu velho cavalo vamos te deixar lá.

E assim que o açoite acertou o pescoço do cavalo, ele começou a trotar rapidamente. Eu tentava não pensar em nada do que tinha lido em *Beleza negra* e me recostei no banco, segurando-me por conta do balanço do transporte e me concentrando para pensar apenas no que viria pela frente.

Eu não gostava de me precipitar em algo que não sabia bem o que era, mas sentia que precisava agarrar o momento, pois na raiva de Pertelote – quer dizer, da Sra. Kippersalt – senti uma oportunidade que podia não ocorrer novamente.

Eu iria tentar ser “a sombra” até sua casa, no final das contas, porque ela podia estar levando sua raiva com ela até lá. E iria direcionar sua ira para seu marido – “O que me fez agora?” – e eu queria saber de alguma forma, embora ainda não soubesse qual, a resposta.

Além disso, eu precisava ver o Sr. Kippersalt. Já tinha gasto muita imaginação sobre como ele era, e vê-lo iria apoiar ou desaprovar minhas hipóteses, que eram:

Suponha que um homem, na guerra ou em outro acidente infeliz, tenha seu rosto mutilado, incluindo, mas não se limitando, seu nariz.

Suponha que, na tentativa de encontrar uma maneira de esconder

os defeitos de sua aparência, ele se torne um *expert* em massa para maquiagem, feições de borracha e coisas do tipo. Ele não poderia abrir uma loja especializada nessas coisas para tê-las diretamente para si?

Sendo um homem não muito impressionante, ele não poderia, para o bem dos cuidados domésticos e por aí vai, casar-se com uma mulher excessivamente simples que não tinha outras possibilidades?

Talvez uma ambiciosa residente do distrito leste?

Tendo se casado com ele não por amor, mas visando o próprio progresso, teria essa mulher progredido tanto a ponto de eventualmente ter tomado a direção da loja?

Poderia ele não ter se ressentido por ter sido posto de lado? Se ressentido tanto a ponto de...

De fazer o quê? Se vingar em cima do Dr. Watson?

Mas espera um pouco. Será que ele culpa Watson pela perda de seu nariz? Suponhamos que isso tenha acontecido durante a Segunda Guerra Anglo-Afegã, na qual Watson serviu como cirurgião do exército. Talvez Watson tenha amputado seu nariz machucado.

Brilhante, eu me parabeneizei mentalmente, satisfeita e excitada por ter descoberto uma conexão tão plausível.

O táxi em que eu estava sentada seguia veloz, oscilante e fazendo muitas curvas. De repente parou em meu destino.

Irrompi antes que as rodas tivessem parado de vez, saltando e me inclinando para uma corrida, enquanto jogava para o condutor uma moeda de ouro, apesar de não ter um relógio para me dizer se teria ele me trazido rápido o suficiente?

Ele tinha.

Ofegante, estiquei a cabeça na esquina da Holywell Street bem a tempo de ver a Sra. Kippersalt fechando as últimas venezianas de sua loja. Depois, ela voltou para dentro a fim de trancá-las.

Os últimos raios de luz do dia – abençoada luz do sol, tão rara em Londres – se mantinham nos telhados pontudos dos velhos prédios abarrotados enquanto eu esperava, observando a porta. Esperando que se abrisse e ela emergisse de casaco e chapéu, luvas e sombrinha, para trancar tudo e seguir para casa.

A luz do dia se tornou luz do anoitecer, e eu ainda esperava.

A Sra. Kippersalt não havia saído.

O que será que havia acontecido com ela? Talvez... ah, Deus do céu, não... ela havia saído pelos fundos?

Bem improvável, pois a Holywell Street serpenteava ao longo do

limite dos mais densos e sujos “antros” de Londres, casas caindo aos pedaços que se apoiavam umas nas outras, cada uma contendo um “ninho” abundante de indigentes. Espaços – não, na verdade, túneis, pois os andares superiores se encostavam –, passagens de largura não muito maior do que a das sarjetas que separavam esses prédios uns dos outros, sem iluminação e sem limpeza das sarjetas também, com abundância de ratos e de formas mais baixas de seres humanos. É inconcebível que a Sra. Kippersalt tenha se aventurado sozinha em tal esgoto a céu aberto, a não ser que ela estivesse querendo chamar a atenção de Jack, o estripador, ou de outros que pensavam igual.

E é inconcebível que ela tenha passado sem eu ter visto.

Mas, a cada momento, parecia mais evidente que era o que ela tinha feito, e que eu era uma idiota. E eu me considerava uma vidente? Não, eu era uma simples garota, mais apta a fazer bonecas de papel. Comecei a me desesperar quando a luz do anoitecer sumiu completamente. Luzes de lampiões começaram a brilhar nos quartos acima, mas não me confortavam. Serviam apenas para me lançar numa sombra maior ainda, pois esses prédios antigos se agigantavam como falésias esculpidas pelo mar, seus andares superiores sobressaíam por sobre as calçadas, cumeeiras salientes; cada andar com beirais e sacadas pendendo sobre quem estava embaixo, pareciam ter sido construídos de ponta-cabeça, mais largos no topo do que na base, e que iriam vir abaixo a qualquer momento.

Assim como construí meu pequeno mundo com esforço próprio. Eu tentava fazer as coisas e encontrar pessoas desaparecidas, mas para qual propósito? Ali estava no escuro, sozinha, deixada de lado por minha mãe, sentindo-me miserável o suficiente para miar como uma gatinha perdida...

Um brilho de lampião ganhou vida no primeiro andar sobre a Pertelote. E também uma luz ganhou vida em minha mente, por assim dizer. Minhas reclamações melodramáticas abruptamente cessaram. No momento seguinte, abandonando as lamentações o esconderijo, atravessei a rua correndo – estava vazia agora que a vitrines estavam escuras – e subi na calçada da Pertelote.

Se ela estivesse lá em cima no quarto sobre a loja, no qual estava pendurada a placa entalhada na forma de um galo – como poderia bem ser o caso, como não pensei nisso antes! –, ela morava em cima da loja...

Eu tinha que ver.

Rapidamente. Pois já estavam discutindo. Sim, era Pertelote no quarto do segundo andar; eu reconheci sua voz de contralto. Ela e mais alguém estavam argumentando veementemente. Por uma janela parcialmente aberta, podia ouvir seus tons irritados de onde eu estava,

embora não conseguisse entender as palavras.

Eu tinha que me aproximar.

Mas como?

Depois de um minuto, vi como começar, pelo menos. Dei três passos longos para dentro da escura e fedorenta sarjeta entre a Pertelote e a loja ao lado, levantei a saia acima dos joelhos e, pressionando partes do meu corpo contra as paredes opostas... realmente, não conseguiria detalhar decentemente como subi pelo espaço estreito, apenas posso dizer que subi como um limpador dentro de uma chaminé.

Depois dos primeiros dois metros, mais ou menos, senti um pouco de medo de que alguém passando pudesse me ver, pois imagine o que veria se olhasse para cima e notasse uma garota em tal posição?

Conforme minha cabeça se aproximava do nível da janela iluminada pelo gás, eu conseguia ouvir Pertelote com mais clareza.

– Você acha que sou idiota? Você está tramando alguma coisa, andando por aí quando eu viro as costas. Eu quero saber o que é.

– Eu te conto. Estou tratando dos meus assuntos. Espere um pouco. A segunda voz, áspera e baixa, soava exa-

tamente como a primeira. Duas mulheres. Quem era a outra? Onde estava o marido de Pertelote? Pertelote a repreendeu:

– Você não tem nenhum outro assunto a não ser ficar em casa e não internar mais ninguém.

– Eu não internei ninguém. Apenas preenchi alguns papéis para colocá-lo onde ele me colocou. O lugar servirá para ele. Ouvi um engasgo chocado, e então Pertelote gritou:

– Você é louca como um chapeleiro! Meu marido tinha o direito de colocá-la naquele lugar!

Mas você o fez me tirar de lá novamente, não fez?

Feche sua maldita boca. Sua...

– Você fez ele me tirar de lá de novo – insistiu a segunda mulher. Por que você não toma conta de mim aqui em casa? Você sempre tomou conta de mim, não tomou, Sissy?

Algo naquela voz – não apenas seu tom irritante, mas algo implacável como o tempo – fazia arrepiar os cabelos da minha nuca.

Eu havia chegado ao limite da minha “chaminé”, o ponto onde as paredes dos prédios se juntavam, e a janela de onde vinham as vozes estava acima de mim, um pouco para o lado. Eu conseguia ouvir, mas não ver.

Eu tinha que ver. Ver quem estava falando. Ver quem repetia tão obstinadamente:

– Você sempre tomou conta de mim. Sei que sempre tomou conta de mim. Como um muro horizontal entre mim e aquela janela, pro jetava-se o beiral que protegia o chão abaixo.

Muito duro, o chão. Mais duro ainda se cair nele.

Todavia...

Respirei fundo. E então me inclinei por sobre o abismo negro, agarrei o canto de madeira do beiral com as duas mãos e pulei para fora da segurança da minha “chaminé”, tentando me balançar para cima, na direção do meu maldito obstáculo.

Consegui jogar um joelho por cima. Entretanto, ao mesmo tempo, uma mão se soltou.

Um joelho, rapidamente descobri, não funciona tão bem quanto uma mão em tais circunstâncias. Ele escorregou para fora. E tive de exercitar cada nota de obstinação para não gritar.

– Você sempre tomou conta de mim, não tomou, irmã? – insistia a inflexível voz de contralto. – Diz que você sempre tomou conta de mim.

Será que alguém poderia vir tomar conta de *mim*! Conseguindo segurar a beirada lisa demais com a outra mão, eu me ergui com a força estimulada pelo pânico, e consegui colocar a parte superior do meu corpo no topo, depois, meus membros inferiores, e então me afastei rolando da beirada. Ofegante, encontrei-me deitada em um tipo de peitoril inclinado.

– Você sempre tomou conta de mim – aquela voz fanática continuava, monotonamente, enquanto eu me esticava, arfando, meio fora de mim de medo, e aquela voz adicionava arrepios ao meu medo.

Cada palavra me arrepiava. Não apenas o tom, mas o conteúdo: *tome conta de mim, tome conta de mim* – era, no fundo do meu coração, o que eu sempre quis... de minha família...

– Você sempre tomou conta de mim, não é, irmã? Diz! Você sempre tomou conta de mim?

Claro que sempre tomei conta de você, não tomei? Triunfantemente, a outra respondeu:

Não quando deixou os ratos comerem meu rosto.

Capítulo décimo terceiro

Ratos. Comer. Rosto.

Se ela tivesse dito isso um minuto mais cedo, antes que eu subisse na beirada, acredito que teria me soltado e caído para a morte quase certa no chão lá embaixo. Com isso, eu me estiquei como um esquilo quando o falcão passa voando por sua cabeça. Eu tremendo, meus dedos agarravam as telhas e meus pensamentos escalavam uma ladeira ainda mais escorregadia.

– Isso foi há quarenta anos – Pertelote disse com a voz cansada.

– Quarenta e dois – reclamou a outra, e no seu rancor sempre tão preciso, reconheci, com asco, algo de mim mesma. O jeito que eu guardava rancor.

Mãe. Mamãe.

Há muito tempo a perdoei por ter partido, pelo espírito livre que ela era. Ela havia me preparado. Nós nos comunicávamos em código pelas colunas pessoais dos jornais. Mas dois meses atrás, em um dos dias mais frios de janeiro, sentindo-me um pouco desesperada, eu pedi que ela viesse para Londres me encontrar. E como ainda dói o fato de ela sequer ter respondido.

Eu tinha apenas cinco anos de idade – respondeu Pertelote esgotada. – Eu adormeci.

E eu era só um bebê – replicou a outra. – Indefesa no meu berço, e você deixou os ratos subirem em mim e arrancar meu nariz fora...

– Pare com isso, Flora.

Porém, o zumbido de Flora não hesitou muito além do que uma sílaba.

... e meus lábios, e grande parte das minhas bochechas...

Pare!

... e você devia estar me olhando.

Sim, ela também gostaria de ser cuidada, de viver com sua irmã, como isso seria reconfortante, irmãs vivendo juntas. Eu nunca tive uma irmã. Eu...

Eu estava prestes a dizer a mim que sempre quis ter uma irmã?

Que besteira, Enola. Você nunca, até este minuto, pensou nisso.

Quanto a ser cuidada: eu tinha dois irmãos bem ansiosos para tomar conta de mim e me escolarizar para cair nas graças da sociedade, para que servisse para um matrimônio. E tive uma mãe que tomou conta de mim e me deu liberdade e meios de me empregar como melhor me coubesse.

Pare de sentir pena de si mesma, Enola Holmes. Você vai se sair muito bem sozinha.

Aquela voz interna, gentil ainda que firme, era a minha voz, ainda que fosse como se minha mãe estivesse comigo. Em mim.

E, naquele momento, de todo o meu coração, eu a perdoei por ser como ela era.

E um peso saiu voando de meu coração.

Enquanto isso, Flora continuava reclamando.

– Você é minha irmã mais velha, devia tomar conta de mim, e está dizendo que eu não chorei alto o bastante para te acordar? Seus lamentos me soavam meramente monótonos agora. Mas, apesar de Pertelote ter ouvido isso muitas, muitas vezes antes, percebi que a afetava.

– Pelo amor de Deus, Flora, pare! – ela explodiu com dor em sua voz. – Você é cruel!

– Sou eu que não tenho um nariz, Sissy, não você. Nariz. Ah, meu Deus. Não estava mais esticada nem tremendo, levantei minha cabeça, pois queria muito olhar para Flora. Com minha mente novamente focada na circunstância atual, percebi que minha brilhante teoria de um soldado que teve o nariz amputado pelo Dr. Watson precisava ser descartada, apesar de ter sido um homem que enviara o buquê bizarro...

Foi mesmo? Eu tinha que ver se Flora poderia se passar ou não por homem.

Levantando-me com as mãos e os joelhos, eu me arrastei (criticando mentalmente minha saia que tornava o ato mais difícil).

Pertelote disse:

– Desde que Ma morreu fiz o meu melhor para você.

O que provavelmente era verdade, pois, quando conheci Pertelote, ela me parecia muito maternal. Evidentemente, havia recebido a responsabilidade de mãe muito cedo.

No canto da janela, levantei minha cabeça até que consegui ver – não muito, no começo. Cortinas de seda. Mas me inclinando para a frente pude espiar através delas, ainda que muito pouco. Pude decifrar um quarto simples e velho ali dentro, uma sala de estar, e nenhuma das irmãs estava sentada; esse momento de raiva as mantinha em pé.

Pertelote estava parada de costas para mim, com os punhos nos quadris, escondendo parcialmente Flora da minha vista. Eu podia ver apenas que Flora era corpulenta, como sua irmã, e vestia simplesmente um blusa e uma saia, novamente como Pertelote. Apesar de achar que o rosto de Flora seria similarmente largo e comum, não conseguia ver seus traços.

E agora era Pertelote quem fazia o discurso.

E por toda minha vida, desde então, sempre tentando compensar para você – ela gritava. – Sempre! Fiz meu marido entrar nesse negócio para procurar maneiras de deixá-la mais apresentável...

Vocês só estavam tentando me casar para se livrarem de mim.

Estávamos tentando fazer você feliz e uma mulher decente, mas você tinha que colocar uma barba e vestir calças...

Oh. Oh, nossa, ela *era* a remetente dos buquês bizarros; tinha que ser. Numa febre de ver seu rosto, eu me aproximei mais do vidro pelo lado de fora.

– ... andando por aí fazendo Deus sabe o quê – Pertelote se enfurecia.

– Eu tinha que fazer o papel do seu marido, agora, não tinha?

– Não, não tinha! Você não quer deixá-lo descansar em paz, você é perversa e tão cheia de ódio...

– *Você* tentou ser horrível – céus, a mulher aflita sentia pena de si mesma. Ela precisava de um pouco de rigidez. – Pelo me-nos, para um *homem* é permitido..

– ... indo contra a natureza, quantas vezes te pedi para ficar em casa enquanto estou trabalhando? Mas agora ouço que você continua fazendo seus truques! Se eu tivesse um pouco de bom-senso, te mandaria de volta para Colney Hatch pessoalmente! A outra guinchou de fúria, partindo para cima da irmã, e... Eu pude ver seu rosto agora, mas desejei não ter conseguido, pois ela arrancou o nariz com uma mão e o apontou para Pertelote, balançando-o como uma arma enquanto gritava.

– Tente e vai ver o que acontece! Apenas tente! – com a outra mão, ela arrancava tiras de massa de sua boca e bochechas. Seu rosto, ou o que restara dele, contorcia-se como uma massa de lesmas.

– Você vai se arrepender! Você e qualquer médico que assinar a ordem para você!

Eu mal entendia o que Flora estava dizendo, olhar para ela me deixou terrivelmente nervosa. Ver, em vez de seu rosto, a carne rastejando; em vez da boca e do nariz, meras cavidades. E seus olhos, não havia nada errado com seus olhos, exceto que, acho, eles haviam se esquecido de como era chorar, e a morte brilhava em seu olhar. A

visão daqueles olhos secos me afetou mais do que a visão de seu rosto mutilado. Acho que devo ter feito algum movimento ou som, pois seus olhos enlouquecidos balançaram e caíram sobre mim.

Fui apanhada na janela como um grande e estúpido peixe atraído por uma tocha acesa, durante a noite, na superfície de um lago.

Ela gritou como se estivesse vendo uma... uma massa de lesmas retorcidas – suponho – e apontou para mim.

No momento em que Pertelote se virou para também me ver, eu me abaixei.

Uma das irmãs, não sei qual, gritou algo bem chocante e que não dá para repetir.

Eu fugi. Mas no beiral estreito não conseguia me virar rápido, se é que conseguisse me virar de qualquer forma, e nem conseguiria voltar por onde viera. Em vez disso, avancei para a frente, dei a volta no prédio, indo não sei para onde. Seguindo ao longo do beiral, como uma lagarta gigante, eu balançava de um lado para o outro, tentando engatinhar, mas com muita dificuldade. Na verdade, estava a ponto de ser jogada da beirada por conta de minha saia amaldiçoada. Eu firmemente acreditava que a razão pela qual as mulheres *deveriam* usar saias longas é que elas ficam incapazes de *fazer* qualquer coisa que vale a pena.

Atrás de mim, ouvi a janela se abrindo com tudo e Pertelote, acho, ladrando com a voz digna de uma matilha de cães de caça.

– Polícia! Ajuda! Ladrão! Polícia!

O apito de um policial guinchou na rua, chamando outros. Apitos em resposta soaram de norte, oeste e leste. Dentro do prédio eu ouvia o golpe dos passos descendo os degraus.

Eles esperavam que eu fugisse dali do mesmo jeito. Descendo.

Entretanto, eu não faria isso. Eu subiria.

Mais fácil dizer do que fazer quando se tem uma saia enrolada nos tornozelos, e nenhuma luz para poder ver. Mas, no canto seguinte, meu progresso tateante encontrou um cano de drenagem, e me agarrei a ele com as duas mãos, içando-me para cima como um marinheiro erguendo o mastro. Enquanto isso, abaixo de mim, os vizinhos haviam saído para a rua, a polícia chegara e a confusão – berros, gritos, apitos, barulho dos cascos e dos pés correndo –, tudo me assustou de um jeito que fez com que eu descobrisse uma força que nunca pensei possuir. Cheguei ao topo do cano só para ser bloqueada por outro beiral saliente do edifício que mais parecia uma falésia, mas de alguma forma, no meu frenesi, como um gato ameaçado pelo mastim,

eu escalei por sobre ele sem hesitar.

E encontrei mais uma parede. Será que nunca chegaria ao telhado? Por um momento de frustração total, bati no gesso antigo com minhas mãos, mas era uma perda de tempo e um esforço inútil. Eu me afastei da rua e corri ao longo do estreito beiral no escuro. Corri. Eu não engatinhei ou me arrastei como tão cautelosamente havia feito poucos momentos antes, não preferindo ficar em pé, avançando devagar encostada na parede de um jeito seguro como seria apropriado às circunstâncias.

Eu corri, incapaz de ver onde meus pés pousavam. Talvez a loucura fosse contagiosa.

Com uma força considerável, colidi com uma madeira bruta.

Temo que tenha murmurado algo terrível quando a barreira, ou seja lá o que era, infligiu sua presença sobre meu nariz, que como sempre havia chegado antes que o resto de mim. Minhas mãos queriam muito acariciar meu nariz, mas em vez disso as obriguei a explorar a estrutura que havia me machucado.

Poderia ser a lateral de uma sacada.

É o nosso não querer saber por quê; é o nosso fazer ou morrer; com tudo ao vale da morte... Não, ao telhado do desespero subiu a idiota que deveria estar agradecida por um nariz um tanto quanto protuberante; para o alto e avante, mais alto!

Arranhando para subir no seja-lá-o-que-era aquilo, escalei até seu topo estreito e, parada ali, respirei fundo e agradecida, pois agora podia ver, apesar de muito pouco.

Eu podia ver insinuações do céu coberto de estrelas.

E, contra ele, interrupções na forma de picos e chaminés.

Finalmente!

Mais uma escalada louca por sobre um maldito beiral saliente, e cheguei ao telhado.

Ofegante, eu me deixei cair nas telhas íngremes e me deitei.

Segura.

Ninguém poderia me encontrar agora. Eu simplesmente descansaria ali até o dia clarear.

Mas, assim que pensei isso, na rua lá embaixo uma voz de sargento gritou:

– Deem a volta por esse lado! Por aqui! Como funciona essa coisa idiota?

No momento seguinte, a mais extraordinária e brilhante lâmina de luz branca apunhalou a escuridão, cortando-a, abrindo caminho pela noite, afugentando as sombras. Eu havia lido nos jornais, é claro,

sobre a nova luz elétrica de busca da Scotland Yard, mas ler é uma coisa e ser golpeada por tal luz é outra. Temo que tenha gritado bem alto. Entretanto, qualquer um no mundo faria a mesma coisa, ou pelo menos todo mundo na rua cheia lá embaixo, portanto, acho que ninguém me ouviu.

– Incline-a na direção do telhado!

– Ele é louco – o outro homem anunciou. – Ninguém conseguiria subir até lá, muito menos uma mulher...

Mas não fiquei para ouvir. Muito abalada e me sentindo um pouco fraca, não tentei ficar em pé e correr pelo telado íngreme. Em vez disso me rastejei pelas telhas, a reação mais feliz e irracional; percebi pouco depois que eles poderiam ter me visto de outro jeito.

Por mais magra que pudesse ser, não seria uma boa cobra. Mesmo assim, de algum modo, cheguei ao topo do prédio de Pertelote e, agarrando o telhado, escorreguei para o outro lado.

A assustadora espada de luz passou por onde eu acabara de estar. A salvo, do lado sombreado do telhado, fiquei vendo “a coisa” fatiar a noite.

Não, ainda não estava salva. Em seguida, eles a trariam para este lado. Esse pensamento, tão elétrico quanto a luz, galvanizou-me; eu tinha que chegar a outro prédio, e a outro depois desse, e assim escapar. Ficando em pé, atravessei correndo a encosta do telhado na direção dos fundos, longe daquela terrível luz de busca, tão brilhante que até nas sombras eu podia ver onde estava indo. Ali! Este telhado se juntava diretamente a outro não tão íngreme. Alegrementemente, pulei sobre ele...

Crash, e eu mergulhei direto para baixo como se tivesse pisado em uma borda de ar.

Capítulo décimo quarto

Mergulhei em meio ao coro de uma cascata, sem dúvida, era o som de vidro se quebrando. Sem minha permissão, minha boca se abriu para gritar.

Porém, antes que fizesse isso, minha queda-surpresa acabou – *whump* – em algo que amorteceu muito bem o impacto. Aterrissei em pé, caí de joelhos e fiquei ali no meio de... do quê?

Alguma matéria macia, cheia de ar e elástica como uma anquinha. Muito mais difícil de identificar na escuridão total do que o vidro caindo ao meu redor, com o som dos respingos abafados.

Senti o gosto salgado de um líquido um tanto grudento em minha boca aberta. Mandando-a fechar, passei a manga para se-car o líquido; sim, havia me machucado um pouco. Sangue. Um caco de vidro havia cortado meu rosto, claro. Senti alguns cortes similares latejando em minhas mãos, de um modo que eu sabia que não podiam ter sido perigosamente fundo.

Em resumo, parecia que eu tinha me saído bem. Estava sangrando, mas o corte era mais aborrecedor do que significativo.

A luz de busca não conseguiria me encontrar li. Eu havia caído, notei, com uma pontada de irritação, pelo teto da estufa do Sr. Kippersalt, que, é claro, ocupava o último andar do prédio.

Sr. Kippersalt? Mas Flora falou dele como se estivesse morto. Além disso, se ela fosse a origem dos buquês bizarros, pode-se deduzir que essa era a estufa *dela*.

Enquanto estes pensamentos se organizavam por conta própria em minha mente um tanto quanto desordenada, continuei totalmente imóvel, prestando atenção caso alguém viesse correndo para ver o motivo do barulho. Mas não ouvi nada, com exceção do meu próprio coração batendo acelerado e minha respiração ofegante, ambos se acalmando gradualmente como se nada alarmante houvesse acontecido. Depois de um tempo, parecia seguro achar que meus perseguidores continuavam na rua, e não tinham ouvido o vidro se quebrando em meio ao tumulto que havia lá.

Estando em uma estufa, devo ter aterrissado em uma planta grande, e abençoadamente flexível – eu conseguia sentir seu caule se dobrando embaixo de mim. Absolutamente não era uma anquinha gigante,

embora sua ramagem cheia de teias ao meu redor coçasse e fizesse cócegas como uma crina de cavalo.

Ainda prestando atenção em qualquer perigo que se aproximasse, explorei com as mãos, não encontrando nada ao alcance dos braços em nenhum lugar ao meu redor, com exceção de mais vegetação macia. Muito grande aquela planta, seja lá qual fosse, acariciando meu rosto, enquanto meus joelhos repousavam sobre o vaso de terra em que ela crescia.

Apenas quando percebi que estava segura – comparativamente falando –, meu ser inteiro foi acometido por ataque de tremedeira que não obedecia à razão, e me senti como se não fosse conseguir me manter em pé. Caindo no chão, eu me refugiei entre os caules que gentilmente me cederam seus ramos cobertos de plumas se fechando sobre minha cabeça. Esticada ao máximo, ainda não encontrava um final para... para o quê? Mais complexo, como se eu tivesse, de alguma forma, caído em uma selva.

Onde quer que estivesse, precisava muito descansar por alguns minutos. Só um pouco, até que meu ataque de “tremedeira” cessasse, e então eu pudesse fugir. Trêmula, deitei com as duas mãos no peito – quer dizer, no punhal da minha adaga – e fechei os olhos.

Sangue de Jesus tem poder! – alguém gritou. Ou algo do tipo. Acho que foi isso que ela disse. Qualquer um hesitaria em admitir que caiu no sono. Na verdade, qualquer um desejaria dizer que desmaiou, mas não era possível ser verdade, já que nunca desmaiei... Em todo caso, abri os olhos e me encontrei olhando para a pálida luz da manhã esverdeada, entre as muitas delicadas e grandes ramagens de... simples o bastante para dizer já que agora eu conseguia ver. Eu jazia engolida por arbustos e mais arbustos de aspargos.

Meus *bebês*! – alguma mulher, presumivelmente Flora, estava berrando. – Meu espinheiro, minhas flores-trombeta, minhas campainhas, tem vidro por todo lugar e esse vento frio entrando!

Mesmo envergonhada demais para confessar que havia baido tanto a guarda, posso ao menos dizer que tive o bom-senso de permanecer completamente imóvel – com exceção de meus dedos que se fecharam ao redor do cabo da adaga – e não fiz nenhum barulho.

Enquanto isso, passos pesados subiam uma escada ali perto.

– A vilã! – continuou a berrar. – Ela entrou aqui! Na minha estufa!

– Flora, acalme-se – a voz cansada de Pertelote. – Ela se foi há muito tempo. Gostaria que tivesse ido.

– Quem diabos é ela? – de fato, Flora disse mesmo tal profanidade.

– O que ela queria com a gente?

– Eu não sei – Pertelote não se mostrava surpresa com a linguagem de sua irmã, mas até sorriu de canto quando adicionou:

– Gostaria de saber.

– Eu mato ela! Eu mato ela! Eu mato ela como matei...

– *Flora!* – a força da repreensão de Pertelote comandou um “alto” em tal frase, que foi atendido. – Você não vai matar *ninguém*. Ninguém, nunca mais. *Você está me ouvindo?*

Flora murmurou alguma resposta mal-humorada, inaudível para mim. Com um tom exaltado, Pertelote exigiu:

– O que foi isso? *O que você fez com o Dr. Watson?*

– Nada. Quem disse que fiz alguma coisa? – Flora choramingou como uma criança que, negada a birra, recorre às lágrimas.

– Por que você briga comigo depois do que aconteceu com minha estufa?

– Ah, pelo amor da santa, isso é facilmente remediado. É só chamar o vidraceiro – Pertelote soava exausta e desgostosa.

– É melhor que você não tenha nada a ver com o que aconteceu com o Dr. Watson. Meu café está esfriando. O som dos passos pesados sinalizaram sua partida.

– Acha que pode virar as costas para mim – Flora disse, cheirando seus “bebês”, supondo. – Café da manhã, com certeza. Ainda não terminei, não terminei.

Ouvi seus passos pesados seguindo a irmã e batendo a porta da estufa atrás de si, deixando-me escondida e presa, em meio a uma grande quantidade de aspargos, onde mais uma vez comecei a tremer.

Enola, assim não dá. Mas a brusca, quase espontânea menção de assassinato e do Dr. Watson...

Pense nisso depois. Agora pense em como você vai sair daqui.

Minha tremedeira aumentou.

A fim de me acalmar, como já fiz tantas vezes antes, fechei os olhos e imaginei o rosto de minha mãe. É claro que ela dizia: “Enola, você vai se sair muito bem sozinha”. Graças a Deus pensar nela não machucava mais meu coração, apenas o aquecia, e minha tremedeira parou de vez; agora eu estava apta novamente a pensar com clareza para planejar o que fazer.

Não era, afinal, tão difícil. Eu simplesmente sentei entre os aspargos, retirei as botas para que conseguisse andar silenciosamente apenas de meias, e então sairia dos aspargos, que cresciam em um enorme contêiner de aço galvanizado com dois metros e meio de altura, apoiado acima do chão por diversos cavaletes. Isso eu vi depois

que desci e me afastei levemente. Eu também vi o buraco que tinha feito no teto com minha entrada involuntária, e os vidros quebrados espalhados sobre os arpagos, a espinheira vermelha, as papoulas brancas... mas não podia dar mais atenção à estufa, porque eu mal parava em pé – inteligentemente, notei. Eu não comia nada há vinte e quatro horas. E, enfiando a mão no bolso de minha saia em busca das barras energéticas de açúcar que normalmente carrego comigo, não encontrei nada; estava com muita pressa e acabei esquecendo.

Que se dane tudo. Eu precisava fugir logo, antes que caísse.

Carregando as botas, andei na ponta dos pés – o mais silenciosamente possível, na minha condição oscilante – até a porta da estufa, onde parei e ouvi.

Como eu esperava, conseguia ouvir as vozes das duas irmãs discutindo lá embaixo. Enquanto elas continuassem a se censurarem mutuamente, eu saberia onde estavam. E qualquer empregada, sem dúvida, estaria ocupada ouvindo tudo escondida.

Embora, pensando bem, eu duvidasse que houvesse alguma criada. Se Flora fosse tudo o que ela parecia ser, Pertelote não podia correr o risco de ter “ajuda”, com medo de que alguém ficasse sabendo demais.

Silenciosamente abri a porta da estufa, então saí e desci as escadas.

Em algum lugar, em algum quarto da frente, Flora clamava.

–Você sempre toma conta de mim,não toma,Sissy? Responde. Você sempre tomará conta de mim.

Com exceção da vez em que os ratos comeram o rosto dela.

Sentindo muito frio e tremendo, rastejei mais alguns degraus abaixo, atravessei uma cozinha vazia, e saí pela porta do fundo. Depois corri, cambaleando, sem me importar que as pedras ferissem meus pés ou que estivesse fugindo por entre a pior sujeira da cidade de Londres.

Capítulo décimo quinto

Bastante singular, minha aparência suja e desgrenhada servia para me proteger nestas humildes e abarrotadas ruas. Bêbados remanescentes da noite passada gemiam nas sarjetas. Uma garota vestida com um avental encardido e não muito mais que isso estava encolhida na porta de uma casa, seus pés descalços estavam azuis de frio. Meninos em calças e camisetas surradas muito maiores do que eles, enroladas como boias salva-vidas ao redor de seus membros finos, corriam atrás de uma mulher bem corpulenta, implorando alguns centavos. Mulheres esvaziavam bacias de água suja, trabalhadores vestindo roupas de flanela seguiam com dificuldade para seus trabalhos; um homem com um carrinho gritava:

– Pão, salsicha, pudim de banha! Pudim pro café da manhã! Ninguém prestou atenção em mim quando me sentei no meio-fio para calçar minhas botas, ou quando comprava de um vendedor de rua uma terrível salsicha que roí enquanto avançava mancando. Teria a adorável Srta. Everseau vencido estas ruas barulhentas cheias de ladrões; ela teria sido, ao mesmo tempo, roubada, despida de suas roupas finas e voltaria para casa nua, se conseguisse. Mas uma garota com o cabelo embolado, olhos loucos, cortada e machucada, que parecia ter estado em uma briga não seria notada de jeito nenhum.

Quando cheguei em minhas acomodações, entretanto – aquele quarto na rua do Dr. Watson, que estava muito mais per-to –, o assunto era diferente. Felizmente, a senhoria de olhos afiados não estava, mas achei necessário subornar a garotinha faz-tudo tímida pagando um xelim por seu silêncio. Prometi mais se ela apenas dissesse para sua patroa que eu não estava me sentindo bem e que pedira que minhas refeições fossem levadas ao meu quarto. E ainda outro xelim para me providenciar um banho, e não contar nada sobre isso.

E foi assim que, no começo da tarde, alimentada, limpa e vestida decentemente com um vestido caseiro estampado, com o corte em meu rosto coberto com esparadrapo, eu caminhava pelo quarto, aflita.

A voz de Pertelote ecoava em minha mente: *Flora. Você não irá matar ninguém, nunca mais. O que você fez com o Dr. Watson?*

Meu Deus, eu precisava descobrir.

Se quisesse ajudar o Dr. Watson – se ele ainda estivesse vivo! –, eu precisava desesperadamente saber mais sobre Flora. Seu sobrenome. Se ela realmente já havia matado alguém. Se ela já havia sido internada e se o Dr. Watson havia assinado a ordem, dando-lhe um motivo para querer se vingar dele. E precisava descobrir o procedimento exato para internar uma pessoa; eu sabia apenas que precisava das assinaturas de um membro da família e de dois médicos em alguns papéis. Com minhas diversas perguntas, precisava ir até o escritório do bairro, a polícia, o manicômio, o próprio Colney Hatch, e investigar...

Mas, com um corte, mesmo que superficial, em meu rosto, não seria possível ir como a bela Srta. Everseau. Mesmo uma ínfima espinha teria mantido uma garota assim isolada até que se curasse.

Apesar disso, eu não tinha outro disfarce disponível ali, nem mesmo um véu. E mesmo que tivesse, seria de pouca ajuda, pois apenas a adorável Srta. Everseau, conforme minha experiência, conseguiria seduzir um funcionário para lhe passar informações.

Até que o arranhão em minha boca se curasse – não importando o quanto andasse em meu quarto, eu não podia fugir desse inexorável fato –, até que meu rosto melhorasse ou eu encontrasse um disfarce adequado para ele, não podia fazer nada.

Não podia sequer sair dos meus aposentos quando alguém pudesse me ver.

Intolerável. O que poderia acontecer com o Dr. Watson nesse meio-tempo?

O que já pode ter acontecido com ele?

– Pro inferno com tudo! Assim não dá!

Deixar Watson à mercê dúvida de Flora por mais um dia? Eu nunca mais seria capaz de me encarar no espelho se fizesse isso. Mas não conseguia ver outra opção, exceto...

Exceto me comunicar com meu irmão Sherlock.

E tal pensamento me jogou instantaneamente em um estado de terror. A ideia de ir vê-lo estava simplesmente fora de questão. Mesmo supondo que lhe mandasse uma mensagem, ele era tão esperto, que facilmente poderia rastreá-la de volta até mim!

A julgar pelas considerações que ouvi sobre Sherlock Holmes, qualquer coisa – minha escolha de papel de carta, a cor da minha tinta, algo em minha letra, a impressão digital do carteiro –, qualquer ninharia poderia atraí-lo até mim.

Eu simplesmente não podia me arriscar.

Mesmo assim tinha que fazer isso.

Se não fizesse nada, e o Dr. Watson morresse...

– O jornal, moça – era a voz tímida, junto com uma igualmente tímida batida na minha porta, da garota faz-tudo que eu havia mandado comprar a *Gazeta Pall Mall*.

– Obrigada. Deixe aí na porta, por favor.

Depois que ela se foi, eu trouxe o jornal para o quarto e, ainda andando, procurei por alguma notícia recente do Dr. Watson. Não havia nenhuma, claro. Impacientemente, jogando o resto do jornal fora, fui para as “colunas agônicas”. E como eu esperava – pois ela aparecia todos os dias desde que a vira pela primeira vez – ali encontrei mais uma vez a mensagem “422555 415144415211 2542443153 53434151 51 241511434153 11335334 445115 31344244114354513353”.

Decifrada como: IVY DESEJA VISCO ONDE E QUANDO AMOR SEU CRISÂNTEMO.

E ainda não sabia o que fazer.

Eu conhecia minha mãe. Ela simplesmente não era do tipo “amor”. Ela não teria me enviado isso.

Mesmo que eu desejasse muito que fosse ela. Especialmente agora, que estava tão preocupada com o Dr. Watson, minha mãe saberia o que fazer. Se houvesse uma mínima e improvável possibilidade dessa mensagem ter vindo dela... eu poderia deixar a chance passar? Se ela tivesse estendido a mão do afeto familiar para mim agora e eu não respondesse, ela estenderia novamente?

Talvez ela intuísse que eu poderia estar um pouco chateada com ela, e queria consertar as coisas?

Ainda assim o “ONDE E QUANDO” da minha mãe, seguramente sabendo que era ela quem estava viajando por Londres com os ciganos e sendo a única que sabe onde ela está não iria preferir marcar o horário e o lugar?

Podia ser alguém que não quisesse me deixar desconfiada marcando o tipo errado de lugar?

Enquanto pensamentos como esse percorriam minha mente – em círculos, como um cão correndo atrás do rabo –, meus olhos queriam cuidar dos próprios problemas. Verificando de trás para a frente as “colunas agônicas”, onde nada em particular exigia seu escrutínio até que deparei com um misterioso anúncio pessoal que prendeu a atenção em letras maiúsculas:

ALONE PART PART ALONE

Sem o nome do autor ou assinatura.

ALONE PART PART ALONE
SOZINHA SEPARADA SEPARADA SOZINHA

Isso era tudo.

Olhei para aquilo, estupefata, como tenho certeza de que a maioria dos leitores olhara, pois não podia deixar de se notar tal mensagem anônima e enigmática em letras tão grossas. Não estava em criptografia também. Estava em inglês. Alguém queria muito dizer algo a outro alguém – mas o quê? *Part Alone*? *Part*, separada. Separada de quem? E de que forma se separa sem ficar sozinha, ou seja, *alone*? Não havia dificuldade para mim nisso; eu sempre estive sozinha, até meu próprio nome que é *alone* ao contrário em inglês...

E então eu vi.

ENOLA TRAP TRAP ENOLA
ENOLA ARMADILHA ARMADILHA ENOLA

Trap em inglês é armadilha!

Explodi em risos, totalmente aliviada. Afinal, era uma criptografia, tão infantilmente simples que somente um gênio como minha mãe poderia tê-la colocado ali. Graças a ela, agora sabia com certeza que a mensagem “IVY DESEJA VISCO” era uma armadilha, sem dúvida de meu caro irmão Sherlock. E agora sabia de algo mais importante ainda: minha mãe podia não ser maternal no sentido habitual da palavra, mas ela tomava conta de mim. Do jeito dela.

Uma tarefa bem difícil, essa de auxiliar meu irmão a localizar o Dr. Watson, permanecia diante de mim; mas me sentia mais apta a enfrentá-la agora. Visualizando o rosto de minha mãe – sua afeição calorosa, acalmei-me o suficiente para me sentar. Fortificada em minha resolução, peguei um lápis e uma folha de papel.

O que eu precisava para me comunicar com meu irmão, e o que podia ser deixado de fora? Primeiro de tudo, o que eu sabia exatamente de verdade?

Com o papel no colo, rabisquei:

Eu sei que Pertelote disse: “O que ele fez desta vez”. Ou poderia ter sido: “O que ela fez desta vez”, que soa a mesma coisa. Se referindo à irmã.

Eu sei que Pertelote falou de seu marido, o Sr. Kippersalt como se estivesse vivo, mas Flora falou dele como se estivesse morto.

Eu sei que Pertelote perguntou para Flora: “Não internou mais ninguém?”. O que Flora respondeu? Algo sobre colocar alguém em um lugar que “serviria para ele”. Ela se referia ao Sr. Kippersalt? Ou ao Dr. Watson?

Eu sei que Pertelote perguntou para ela: “O que você fez com o Dr. Watson?”.

Eu sei que Flora se vestia como homem; quase tenho certeza de que foi ela quem enviou os buquês bizarros.

Eu sei que Pertelote disse para ela não matar mais ninguém “nunca mais”. Será que Flora matou Watson?

A pergunta mais perturbadora.

Entre as anotações, eu rabiscava e agora havia começado a passar a limpo. Embora longe de ser uma artista, eu tinha uma habilidade de desenhar o rosto das pessoas de um modo exagerado, e achei que isso me ajudaria a pensar. Eu desenhei Pertelote (Qual era seu nome real? Ela teria me reconhecido do lado de fora de sua janela? Mais questões que não havia jeito de descobrir as respostas.) Desenhei Flora como um homem completo, com nariz e cavanhaque, considerando que ela daria um homem muito mais apresentável do que uma mulher, e Pertelote seria pobre de espírito se pensasse o contrário. Mas como Flora veio a adotar esse disfarce?

Então, lembrei-me, e escrevi:

Flora disse: “Tenho que fazer o papel do seu marido, agora, não tenho?”.

Pertelote disse para deixá-lo descansar em paz.

Apesar de estar sofrendo certo grau de insegurança, já que minha teoria sobre Watson e o soldado sem nariz se provara um erro tão grande, comecei a imaginar o que poderia ter acontecido entre Pertelote, Flora e o sumido Sr. Kippersalt. Embora tenha tentado ajudar a irmã de sua esposa no começo, o Sr. Kippersalt eventualmente descobriu que Flora era insuportável e a internou em Colney Hatch. (Enquanto estava sentada, pensando, desenhei Flora como mulher, colocando traços similares aos de Pertelote nela.) Pertelote, entretanto, cuja vida tinha sido devotada à Flora desde o infeliz incidente com os ratos famintos, não podia deixar sua irmã ser trancada como uma louca, apesar de Flora indiscutivelmente ser. Forçada a escolher entre o marido e a irmã, decidiu-se pela última e desafiou o marido e soltou Flora do hospício.

Flora, então, prontamente matou o Sr. Kippersalt.

Este evento aparentemente não partiu o coração de Pertelote. Até a ajudou a esconder o crime fingindo que seu marido ainda estava vivo. Enquanto isso, tentou controlar sua irmã para que mais nenhum incidente infeliz como esse pudesse acontecer. Flora, aparentemente, ainda tencionava criar algum tipo de problema...

É claro.

Lembrando-me de outro trecho da conversa, anotei:

Você vai se arrepender! Você e qualquer médico que assinar a ordem para você!

Flora ainda guardava rancor do Dr. Watson, que assinou a ordem para interná-la. Sem dúvida, eu havia atingido a verdade sobre esse assunto.

Mas... o que ela fez com ele? Será que o matou?

Tal pensamento desencadeou uma onda de arrepio que atravessou meu corpo, e afligi meu coração. Eu hesitava em aceitar isso.

Meditando, desenhei Flora como a havia visto: a massa que formava o nariz e o rosto arrancadas. Mas isso era difícil – doloroso, quero dizer –, desenhá-la daquele jeito, pobre mulher. Eu imaginava duas crianças do distrito leste, sozinhas em sua mais abjeta pobreza, enquanto a mãe esfregava o chão de alguma pessoa mais afortunada; ou talvez a mãe já estivesse morta. Ou talvez ela tenha batido na filha mais velha e deixado de amá-la, quando ela chegou em casa e encontrou o rosto da mais jovem comido pelos ratos. Ou talvez ela tenha deixado de amar a desfigurada. Mãe ou não, crescer daquele jeito, tão desfigurada, era o suficiente para deixar qualquer um louco.

Estremecendo, olhei para meu desenho para descobrir que, em minha compaixão, ou talvez em um tipo de compreensão além da lógica, eu havia transformado Flora em flores.

Eu havia dado a ela uma boca de convólculo, um botão de rosa de cabeça para baixo era o nariz, e agora ia dar a ela papoulas no lugar dos olhos; para o cabelo, as ramagens dos aspargos, é claro, selvagem e fibroso. Ela se tornara um buquê bem bizarro.

Ai minha deusa de camisola, eu havia voltado para onde começara.

Todas as flores, com exceção da rosa – que, de cabeça para baixo, simboliza o oposto do amor –, estavam no buquê original que eu vira na sala da Sra. Watson.

E eu entendia bem todas elas, com exceção do aspargo. Qual era o maldito significado do aspargo?

Por falar nisso, por que Flora cultivava tanto aspargo em sua

estufa?

Para buquês? Ela tinha ramagem suficiente para centenas deles. Para comer? Ela poderia suprir toda a Holywell Street, mas eu não vi evidências de que algum havia sido cortado...

Cortado.

Podia ser, refleti. Uma faca, ou outra arma de apunhalar: antipatia ou ódio. Porque no nome da planta há incluso o sentimento de alguma forma: aspargos. Em inglês se pronuncia *asparagus*: a-spear-a-gus... *Spear of Gus*.

A lança de Gus.

Eu me endireito na cadeira soltando um grito, espalhando os papéis para os lados, pois naquele momento de resplandecente e branca luz elétrica de busca eu vi tudo, eu entendi tudo. E as aparentemente insuperáveis dificuldades foram abaixo, e eu sabia exatamente o que fazer.

Capítulo décimo sexto

Não haveria necessidade, no fim, de arriscar minha liberdade escrevendo uma carta para o meu irmão Sherlock.

Em vez disso, quase tonta de animação, peguei um pedaço limpo de papel e comecei a compor outro tipo de comunicação.

Depois de vários minutos, terminei isto:

32535251 33514253 3253441442314253 315223435155
3211543132 1451342215435451 4434 13421414513444112354.

E. H.

Eu não me permiti hesitar no desafio de assinar com minhas iniciais. Ouso dizer que lembro meu irmão Sherlock não apenas no nariz, mas de outras maneiras; parecia que, como ele, eu precisava ter meus momentos dramáticos.

E surpresa. Por essa razão, desta vez, deixo na sua mão, gentil leitor, descobrir o sentido da mensagem acima. Tenho certeza de que você é capaz de decifrá-la, e espero que continue aqui pelas próximas poucas páginas desta narrativa.

Uma vez que terminei de escrever a última cópia de minha criptografia, esperei secar, dobrei e selei com cera. Considerei que o melhor seria levá-la à *Gazeta Pall Mall*, o mais rápido possível, para que aparecesse na edição matutina do dia seguinte. Não podia confiar esta importante missão a um menino de rua. No entanto, um mensageiro uniformizado ou um contratado poderia ser rastreado até mim. Eventualmente, revirando os olhos, percebi que estava sozinha, como sempre, e me levantei para ver o que faria. Com uma combinação de lápis e “emoliente secreto” passei a massa plástica de maquiagem no rosto para que ele ficasse, como esperava, menos notável, pelo me-nos depois que escurecesse. Eu não poderia tentar isso durante o dia. Mas, quando a noite caiu, com meu vestido e xale negros e desbotados, vestindo minha peruca e meu chapéu de aba mais larga, para deixar meu rosto na sombra, e atrás de um véu, eu me aventurei na direção da Fleet Street.

Tudo correu bem. Um atendente noturno indiferente, que mal me olhou, pegou meu dinheiro e minha mensagem, prometendo enviar direto para a impressão.

Bom. Mas eu sabia que, se voltasse para meu quarto agora, pedisse

o jantar como uma jovem sensata e vestisse meu pijama, não conseguiria dormir. E ainda me sentia completamente elétrica de excitação antecipada, isso tudo aliado à preocupação com o Dr. Watson. Se ele estivesse lá, eu deduzia que estava, poderia sobreviver a mais esta noite e tudo ficaria bem. E muitas outras vezes revi meu raciocínio chegando à mesma conclusão. Apesar de tudo, eu não parecia confiar na minha habilidade mental. E se eu estivesse passando por cima de alguma coisa? E se eu estivesse errada? E se eu fosse uma garota desajeitada e estúpida que deveria ter corrido direto para o grande Sherlock Holmes, um homem de ação, e tê-lo deixado cuidar de tudo?

Eu não ia suportar ter de voltar para meu quarto e ficar esperando. Em vez disso, fortalecida pela adaga em meu corpete e me sentindo suficientemente invisível no escuro, caminhei para os “abomináveis labirintos de cortiços abarrotados e apertados, para a perpétua exclusão da luz e do ar, para o consistente abrigo de sujeira, doenças e vícios... os pátios abafados, vielas, quintas e becos uns ao lado dos outros que abrigam e confinam covis inteiros de habitantes estritamente desprovidos”, como descrevia o *Penny Illustrated Paper*. Em outras palavras, para a vizinhança atrás da Holywell Street, onde naquela manhã eu havia visto uma garota sem vestido, usando apenas um avental, com os pés descalços e azuis de frio.

A esta hora da noite, as ruas se enchiam de homens e mulheres meio bêbados, vendedores de rua apregoando ostras baratas ou cerveja de gim ou doces, e em cada quarteirão uma mulher maquiada vendia outra coisa. E mendigos ou artistas, como al-guns preferiam ser chamados. Parei para olhar um homem sujo que treinara um rato para ficar em pé em sua mão, enquanto ele dobrava um lençinho para fazê-lo representar um senador romano de toca, um clérigo anglicano de talar, em seguida um advogado de cabeleira branca e, com a adição de um segundo lencinho, uma mulher sendo apresentada à corte. Ele atraía uma plateia que ria muito, mas se dispersava como fumaça quando ele passava o chapéu; fui a única que lhe deu uma moeda. Então, continuei procurando a garota abandonada – totalmente – por seus pais que preferiam o gim.

Há muito tempo eu não ajudava os pobres de Londres. Não apenas dias, mas semanas.

Encontrar garotos esfarrapados, dormindo uns grudados nos outros como filhotinhos debaixo de uma marquise, sem ter nenhuma comida para oferecer, faz com que dê um xelim para cada um. Depois tive de fugir porque eles começaram a alertar cada pequeno vagabundo da rua; se eu não tivesse me escondido, estaria cercada e meus bolsos teriam sido arrancados.

Assim, continuei pela maior parte da noite. Consegui localizar a garota que mais queria encontrar, tremendo em seu avental, na área em que eu a vira antes. Levei-a até uma loja de roupas usadas, onde bati para que o proprietário abrisse e supri a garota com roupas, sapatos, meias e dinheiro para comida. Confusa e desconfiada, ela não me agradeceu, e nem eu esperava que o fizesse. Um cansaço abençoado e uma paz interior foram minha recompensa. Algumas horas antes de amanhecer voltei para meu quarto, finalmente pronta para dormir.

Ou era o que eu pretendia. Porém, o que fiz foi apenas cochilar um pouco. Mas quando o dia nasceu me encontrou bem acordada, vestindo-me com cuidado como se devesse ficar preparada para qualquer contingência: dinheiro, adaga, curativos, biscoitos, *kit* de costura, lápis e papel, chaves mestras, saís de cheiro, lenço para a cabeça, meias sobressalentes no aperfeiçoador de busto, um lencinho limpo, luvas, mais dinheiro e – espero nunca me esquecer novamente – alguns doces em meus bolsos. Apesar dos meus melhores esforços para ser calma e eficiente, fiquei em tal estado de nervos que mal consegui tocar no café da manhã que a garota trouxe para mim.

Bem antes da hora, continuei esperando, vesti a peruca, o chapéu, mas não conseguia sentar na janela de onde podia ver a residência dos Watson do outro lado da rua.

Eu observava a criada saindo com um balde de água com sabão, ficando de joelhos e esfregando os degraus de pedra branca, como ela fazia todos os dias úteis de manhã.

Isso ainda demoraria um pouco. Suspirando, forcei-me a sentar. Com as pontas dos dedos toquei melodias imaginárias no peitoral da janela, como se fosse um piano. Ou talvez deva confessar que foram desarmonias imaginárias, pois nunca tive uma aula de piano na vida.

A mulher do leite passou como de costume, mas guiando um burro, como não é de costume; alguém nesta rua deve estar muito doente para precisar de leite de burra fresco e morno.

Observei a humilde criatura como se nunca tivesse visto um animal com orelhas tão longas antes.

Depois que a mulher do leite e o burro saíram da minha vista, tamborilei ainda mais com as pontas dos dedos no peitoral.

A criada da família Watson, que há muito tinha terminado de esfregar os degraus, saiu novamente para dar atenção similar às vidraças.

A carroça do homem do gelo virou a esquina fazendo barulho, puxada por um pequeno cavalo velho e esperto, que parava em cada casa por conta própria enquanto seu mestre fazia as entregas. Durante

um tempo considerável para que eles fizessem progresso pela rua, eu observei com total atenção cada detalhe, incluindo a cor do cavalo; sem me contentar se era “cinza” ou “baio”, decidi que era “ruão.”

O homem do gelo e seu cavalo grisalho desapareceram de vista. Meus dedos começaram a ficar cansados de brincar e ficaram parados. Não mais no estado febril de antecipação, mas sentindo uma dor triste de saudade, esperei.

E esperei.

E quase não notei uma carruagem que chacoalhava vindo do norte, pois esperava um táxi. Preguiçosamente observei a carruagem, que estava de capota abaixada, enquanto ela se aproximava. Esperava que carregasse alguma senhora, acompanhada pela enfermeira, que saía para tomar seu ar diário. Agora eu podia ver os passageiros...

Dei um pulo e gritei de alegria, ao mesmo tempo em que tapei a boca com as duas mãos, como se meu irmão conseguisse me escutar.

Não era para minha surpresa, meu irmão Sherlock.

Sem dúvida, com sua cartola e monóculo, sua pesada corrente de relógio dourada atravessando sua ampla cintura vestida com um colete de seda, era meu outro irmão: Mycroft!

Aquele que não havia se dado ao trabalho de me procurar, ficando apenas sentado em seu trono dando ordens. Aquele cuja costureira órbita de casa, escritório do governo e clube Diogenes nunca variava. Aquele que era imperturbável.

Ou tais eram minhas suposições anteriores.

Estava bem enganada. Evidentemente Mycroft *havia* tentado me encontrar. Ele havia chegado mais perto do que Sherlock em dominar o código floral que eu e mamãe usávamos, e chegou perigosamente perto de entender o que me atrainha, pois claramente havia sido ele quem colocara na *Gazeta Pall Mall* a criptografia dizendo IVY DESEJA VISCO ONDE E QUANDO AMOR SEU CRISÂNTEMO.

Isso era evidenciado pelo fato de ele ter reagido à minha resposta: “32535251 33514253 3253441442314253 315223435155 3211543132 1451342215435451 4434 13421414513444112354.

E. H.”.

E agora, gentil leitor, você deve conhecer o significado desse enigma, se já não decifrou por si. Assim, organize o alfabeto em cinco linhas de cinco letras cada, excluindo o Z. Na criptografia, os primeiros dois números se referem à terceira letra da segunda linha: H. Depois a quinta letra da terceira linha: O. Quinta letra da segunda linha: J, e quinta letra da primeira linha: E.

“HOJE.”

A frase inteira é: “HOJE MEIO-DIA HOSPÍCIO COLNEY HATCH PERGUNTE SR. KIPPERSALT”.

Assinado, “E. H.”.

Essa foi a intimação que Mycroft leu na edição desta manhã da *Gazeta Pall Mall* – uma intimação que dificilmente ele recusaria, não importa o quanto ela o intrigasse.

Eu só podia imaginar o que havia acontecido quando Mycroft chegou em Colney Hatch e o Sr. Kippersalt foi trazido até ele. Mas obviamente o soberbo Sr. Holmes – qualquer um dos meus dois irmãos, que têm maneiras da alta sociedade e estão acostumados a serem obedecidos, poderiam se encaixar nesse papel –, neste caso Mycroft havia prevalecido na hora de liberar o “Sr. Kippersalt”, pois, a seu lado na carruagem, enquanto ela parava na frente da casa, estava sentado – sim, eureka, acertei! O outro homem definitivamente era o Dr. Watson.

O bom médico em carne e osso, com um pouco menos de carne, o que é compreensível considerando sua recente provação, mas claramente vivo e inteiro.

E sorrindo largamente.

A cena que se seguiu não poderia ter sido mais gratificante para esta observadora. Alertada pelo grito da criada, que viu quem estava na carruagem aberta que se aproximava da casa, a Sra. Watson correu porta afora e lançou-se voando pelos degraus. Quando o Dr. Watson, um tanto trêmulo, emergiu da carruagem, sua esposa o abraçou ali mesmo na calçada.

Melhor ainda: chegou um lindo táxi com um cavalo galopando quase de maneira ilegal, e quando o veículo deu um solavanco e parou, de dentro dele saltou um homem alto e magro como um chicote, que apertou a mão de seu velho amigo várias e várias vezes. Eu nunca tinha visto meu irmão Sherlock tão feliz.

Sorrindo encantada, mesmo com uma dor no coração – uma amargura familiar, de aproveitar a afeição apenas de longe –, observei, até que todos entraram, o táxi e a carruagem foram embora, e se tornou aparente que todo o momento dramático havia acabado.

Então, ainda sorrindo, mas suspirando, comecei a arrumar minhas malas. Era hora de voltar para o meu quarto na humilde, mas distante e segura, residência da Sra. Tupper.

Capítulo décimo sétimo

Na edição seguinte da *Gazeta Pall Mall*, notei nos anúncios pessoais:

Para E. H.: Os louros são seus. Nós humildemente agradecemos. S. H. & M. H.

O quê? Que surpresa e que gratificante!

Confortável, em meu velho quarto na Sra. Tupper, com um roupão de banho e os pés em cima de uma almofada, eu li novamente: *Para E. H.: Os louros são seus. Nós humildemente agradecemos. S. H. & M. H.*

Senti que um sorriso idiota tomava conta do meu rosto remendado, enquanto aproveitava esse reconhecimento inesperado.

Muito elegante da parte dos meus irmãos, acho, darem os créditos para mim, pois resolver a questão havia sido bastante simples, uma vez que entendi sobre o aspargo.

Spear of Gus.

A lança de Gus.

Gus é o diminutivo de Augustus.

Que não podia ser ninguém menos do que Augustus Kippersalt. Primeiro, eu havia encontrado o nome de Augustus Kippersalt nos registros do bairro, mas descartei porque recentemente ele havia sido enviado para o hospício, e então, na hora, pensei que não podia ser ele o Sr. Kippersalt que estava procurando.

Mas o marido de Pertelote *havia* sido Augustus Kippersalt.

Notei por causa da minha interessante experiência de ficar deitada em meio a uma grande quantidade de aspargos, e da minha ainda mais interessante percepção súbita relacionada a eles, que esse senhor não residia de maneira alguma em Colney Hatch. De fato, apostaria meu nariz que ele havia sido “plantado” em uma caixa de estufa muito maior. Eu acreditei nisso com tanta convicção que – um pequeno arrependimento, pois eu gostava de Pertelote – enviei para o inspetor Lestrade, da Scotland Yard, um bilhete anônimo detalhando minhas suspeitas e sugerindo que ele deveria verificar o assunto.

Como o assassinato de Augustus Kippersalt havia sido ocultado, nenhum atestado de óbito havia sido emitido.

Então, como ele ainda estava legalmente vivo, o Sr. Kippersalt foi declarado louco. Como Flora havia forjado a papelada não sei e talvez

nunca saiba. Nem saberei como ela – provavelmente disfarçada de homem – atraiu o Dr. Watson para fora do seu clube, ou que pretexto ela arrumou para que os “apanhadores de corpos” o levassem. Mas, em essência, era óbvio como ela tinha se vingado.

“Eu o coloquei onde ele me colocou”, ela dissera, ou algo parecido, para sua irmã enquanto eu ouvia tudo do lado de fora da janela. “O lugar servirá para ele.”

Imaginei que ficar confinado em Colney Hatch por qualquer período de fato teria “servido” para o Dr. Watson, e eu só esperava que, tendo passado apenas uma semana lá, ele tenha voltado sem grandes danos.

Talvez tenha sido um golpe de sorte eu ter cortado o rosto, pois essa circunstância me impediu de agir cedo demais, entregando-me desse modo.

Cerca de quinze dias mais tarde – bem depois que o Dr. Watson havia regressado com suas práticas médicas –, a adorável Srta. Everseau mais uma vez fez uma visita social à humilde Sra. Watson.

Com meus “emolientes secretos” sutilmente disfarçando meu rosto quase curado, minha pequena marca de nascença colada em minha têmpora, minha peruca com um coque elegante e bem presa por cima de meu cabelo incorrigível e meu chapéu mais moderno do momento, preso com grampos na frente da peruca, eu ousei dizer que estava atraente, se não positivamente divina, em meu *mousseline* amarelo-creme com rendas de seda. Para esta ocasião, levei um buquê de prímula, flor de macieira e resedá: prímula para a felicidade que estava por vir, flor de macieira para boa saúde e resedá – eu esperava que Mary Moran Watson entendesse o resedá como uma expressão de minha grande estima por ela. O resedá é uma florzinha singela, mas que exala a mais doce fragrância. É um presente para uma pessoa de notável virtude escondida por uma modéstia igualmente notável.

Enquanto mais uma vez estava em pé em seu bem escovado degrau, entregando meu cartão de visita, Srta. *Viola Everseau*, não tive dúvidas de que ela me receberia, mas me perguntava se ela confiaria em mim como antes.

Minha missão, entenda, era satisfazer minha curiosidade. Nada mais.

Embora, como se mostrou, muito, muito mais estava guardado para mim.

Srta. Everseau! – simples como um jato de perfume de resedá em seu meigo vestido caseiro cinza, ela se apressou na minha direção com as duas mãos estendidas me recepcionando.

Quanta consideração, que excepcional de sua parte me visitar novamente! E que flores adoráveis! – ela enterrou o rosto no perfume das flores antes de entregá-las para a criada. – Realmente, você é tão gentil.

Peço licença para discordar. Acredito que seja uma mulher que merece todo tipo de gentileza.

Mas não quero mais nada agora. Minha felicidade está completa; tenho certeza de que você sabe que o John voltou, são e salvo.

Foi o que ouvi, com grande alívio, embora não tanto quanto imagino ter sido o seu.

Ah! Eu quase desmaiei de alegria quando o vi. Por favor, sente-se! Deixe-me pedir um refresco.

Eu não precisava me preocupar com suas reticências; ela me mostrava todas as indicações de que desejava me contar a história inteira. Eu só precisaria perguntar de um modo geral, enquanto ela bebericava o chá e mordiscava biscoitos de limão, se a polícia merecia ou não qualquer crédito pelo retorno seguro de seu marido.

– Nem um pouco. A polícia se confessou completamente perdida nesse caso.

– O Sr. Sherlock Holmes, então?

– Até ele ficou confuso. Nós não tínhamos ideia de quem era o vilão... o que aconteceu, como verá, é que um homem que John não reconheceu apareceu no clube perguntando por ele, e disse que o Sr. Sherlock Holmes requisitava sua assistência com a maior urgência sobre um assunto bastante delicado. John disse que ficou um pouco desconfiado quando o mensageiro lhe disse para deixar seus cartões, sua maleta preta, e assim por diante, atrás da escrivaninha para que não se parecesse com um médico. Era um sujeito com aparência esquisita, sabe, havia algo errado em seu rosto. Mas ele parecia plausível, e é claro que o Sr. Holmes muitas vezes intimara John para participar de suas aventuras estranhas. E assim ele foi como um cordeiro para o abatedouro, e tão logo virou a esquina seguindo seu traidor um policial e outros cavalheiros saltaram de uma carruagem negra e o agarraram. Naturalmente ele lutou contra eles e protestou: “O que estão fazendo? Não posso me atrasar. Estou indo me encontrar com o Sr. Sherlock Holmes!”. E então o da cara esquisita disse: “Você vê como é?”, e o policial falou: “Sim, de fato. Monomania clássica. Venha conosco, Sr. Kippersalt”.

– Kippersalt? – eu exclamei, fazendo o papel de quem não sabia nada sobre o assunto. – Não vi recentemente esse nome mencionado nos jornais?

– Sim, era o nome daquele homem que parece ter sido assassinado e

enterrado em uma estufa.

– Haveria alguma conexão, suponho?

– O Sr. Holmes acha que sim. Ele está investigando isso. De qualquer maneira, aquelas pessoas da carruagem negra achavam que o nome de John era Kippersalt. Ele disse a todos: “Vocês estão terrivelmente enganados; meu nome é Watson! Dr. John Watson!”, mas eles continuaram a colocar suas mãos nele, dizendo: “Tudo bem, tudo bem, Sr. Kippersalt, venha conosco tranquilamente”. Quando John insistiu, uma enfermeira saiu da carruagem dizendo: “Por favor se acalme, Sr. Kippersalt”. E ele sentiu a picada de uma injeção. A próxima coisa que percebeu foi que estava no manicômio, e ninguém o ouvia. O mal-entendido era o suficiente para deixar alguém louco, ele disse, se já não fosse demente.

– Que inteligente – eu murmurei, vendo agora como Flora havia combinado o nome de Kippersalt com a fama de Watson, para arquivar sua queda. – Que *diabólico* – emendei.

– De fato, diabólico!

A criada voltou com as flores que lhe havia dado atrativamente arrumadas em um vaso verde de vidro, e as colocou em cima do piano. A fragrância do resedá encheu a agradável salinha de estar muito mais agradável sem nenhum buquê bizarro nela. Depois que a criada saiu, eu perguntei:

Já se sabe quem arranjou esse diabólico rapto legalmente legítimo?

Ainda não sabemos dizer, mas John acha que foi algum louco que ele deve ter internado em sua carreira, e quis lhe fazer pagar na mesma moeda. Quando ele não precisa atender, fica estudando seus registros médicos procurando pistas.

Quem o encontrou, então? O Sr. Sherlock Holmes?

Absolutamente! E eu esperava que eles dessem o crédito ao Sr. Mycroft

Holmes. Mas, em vez disso, ela falou:

– A identidade do salvador de John talvez seja o mais notável aspecto de todo esse caso. Parece... – pela primeira vez a Sra. Watson hesitou, e eu não a pressionei, pois senti que estava em terreno questionável, eticamente falando. Mas com um pequeno franzido de sobrancelhas e um levantar de queixo, a Sra. Watson se inclinou na minha direção.

– Acho que não fará mal nenhum em contar para você, Srta. Everseau. A Srta. Enola Holmes contribuiu para o retorno do meu marido.

Srta. Enola Holmes?

A irmã mais nova do Sr. Sherlock Holmes.

– Irmã? Eu não sabia que ele tinha uma irmã... – o interesse agudo em minha voz não foi fingido, pois naquele momento percebi como as revelações da Sra. Watson poderiam ser úteis para mim.

– Não é sabido por todo mundo – ela explicou –, pois a garota é uma preocupação para a família. Muito voluntariosa e infantil, na verdade isso se estende a... bem, os irmãos não sabem exatamente onde ela está.

– Perdão?

A Sra. Watson então falou bastante; pouparei o gentil leitor de sua narração sobre como eu tinha chegado e me escondido em Londres por conta própria. O que importava para mim era que sua narrativa concordava com minhas avaliações sobre o conhecimento que meus irmãos tinham de mim. Com uma exceção enorme e importante, que eu descobri da maneira que se segue:

– Você nunca conheceu essa garota extraordinária? – perguntei.

– Não! Não temos ideia de como, nem por que, ela se envolveu nesse caso.

– Você ao menos sabia de sua existência?

– Bem, não, eu ouvi falar... Como vê, meu marido confia em mim. Ele estivera tão preocupado com o estado emocional de seu amigo que tentou contatar o Dr. Ragostin.

– Dr. Ragostin? – ecoei com a incompreensão apropriada.

– O autoproclamado vidente científico – seu tom carregava tanto desdém quanto sua doce voz era capaz. – John agora acha que é um charlatão.

– Seu marido não sabia nada desse Dr. Ragostin?

– Ele nunca sequer viu o homem. Ele conversou apenas com uma jovem que se apresentou como secretária.

– Imagino que possa ser minha amiga Marjory Peabody – murmurei em um tom ausente. – É terrível o que o declínio da agricultura tem feito com as velhas famílias donas de terra, sabe. Marjory foi obrigada a conseguir um emprego com um tipo de médico. Você sabe o nome da secretária do Dr. Ragostin?

Sinto dizer que não. Eu não sei nada sobre ela.

Nem mesmo sua aparência? Se ela é loura e gorda?

– Realmente não sei dizer. Meu marido mal falou dela; ele não deu atenção a ela.

Minha conduta, enquanto a Sra. Watson me dizia essas palavras de salvação continuou, acho e espero que sim, bem civilizada. Assim como agi quando ela prosseguiu detalhando o mistério envolvendo

Enola Holmes e todo seu papel no resgate de Watson. Quando eventualmente tudo foi dito, eu me levantei, felicitando a Sra. Watson e a abraçando, fervorosamente desejando-lhe tudo de bom. Depois parti feito uma dama perfeita. Durante tudo isso, a minha mente, como uma criança de cara suja, pulava e gritava, virando cambalhotas e exibindo as mais imodestas comemorações, enquanto alegremente gritava: Palmas para a simplicidade e o bom coração do Dr. Watson!

Algumas semanas antes, eu havia escrito em uma lista:

Ele (meu irmão Sherlock) sabe que uso Ivy como primeiro nome.

Pode-se assumir que ele sabe pelo Dr. Watson que uma jovem chamada Ivy Meshle trabalhava para o primeiro e único vidente científico do mundo.

Entretanto, pelo que a Sra. Watson havia acabado de dizer, não se deve entender nada do tipo!

A não ser... teria ela sido treinada para dizer isso para me enganar?

Não, tenho certeza que não. Isso simplesmente não era uma lógica possível, pois ninguém poderia saber ou esperar que eu iria visitá-la, em qualquer disfarce. Além do mais, as observações da Sra. Watson traziam o círculo da confiança sobre elas, a terna paciência de uma esposa em relação ao marido obtuso e ausente. Enquanto me afastava da casa do Dr. Watson, mentalmente invoquei que as bênçãos recaíssem sobre sua cabeça gentil e um tanto lenta para sempre. Que os céus amem esse homem! Ele não deu nenhuma importância à Srta. Meshle; se ele falhou em lembrar seu sobrenome, é certo que não se lembraria do primeiro.

E sendo esse o caso, mesmo se houvesse confessado para Sherlock Holmes sua visita àquele charlatão, Dr. Ragostin, ele não havia dito nada a meu irmão sobre Ivy Meshle.

Consequentemente, minha felicidade é grande.

Eu poderia ser Ivy Meshle novamente.

Eu poderia continuar a seguir meu dom.

(Fatalmente tive que me conter para não sair pulando, em vez de andar com passos de pessoa fina, enquanto seguia pelas calçadas respeitáveis da Oxford Street.)

E, algum dia, eu teria idade para não ser legalmente mandada de lá para cá contra a minha vontade, algum dia seria daqui mais ou menos sete anos; todavia valia a pena sonhar que algum dia eu iria seguir meu dom com meu próprio nome.

Enola Holmes, a primeira, única e *verdadeira* consultora particular de vidência científica.

Abril, 1889

– Flora Harris – diz o grande detetive Sr. Sherlock Holmes para seu amigo e companheiro Dr. Watson, enquanto relaxam diante de um excelente jantar no Simpson's-in-the-Strand. – Ou Arris, suponho que deva dizer, já que está qualificada a tomar lugar junto com aqueles que nasceram ao som dos sinos da igreja de St. Mary-le-Bow.

Apenas demorando um pouco para responder, Watson con-corda:

– Você quer dizer que nasceu no distrito leste.

Precisamente. Flora Harris e sua irmã, Frances, cinco anos mais velha. Flora não se casou. Frances, entretanto, casou-se com alguém acima de sua classe. Ela e o marido abriram uma loja na Holywell Street, a Chauticleer. Frances colocou isso na cabeça e começou a se chamar de Pertelote.

Esperta... – Watson comenta, admirando um lindo charuto Havana que tencionava desfrutar dentro de alguns minutos – ... mas um pouco perturbada.

– A família inteira parece ter sido mais do que um pouco perturbada, como você veio a descobrir para seu embarço.

– Vim? Não posso dizer que reconheço o que você me contou até agora.

– O marido da irmã mais velha se chamava Augustus Kippersalt.

– Ah! – Watson derruba o charuto na tolha da mesa e não se dá ao trabalho de pegá-lo.

– A irmã mais nova de sua esposa residia com eles. Um trato um pouco esquisito, devo dizer. Augustus Kippersalt eventualmente teve de interná-la com base no *George sandism*.^[6] Watson se endireitou na cadeira para um momento de iluminação e excitação mental:

– Eu me lembro agora! E não era apenas o fato de que a mulher se vestia como homem; havia uma variedade de indicações de que ela devia ser separada da sociedade, para que não a infectasse. Uma relação doentia entre as irmãs, uma desfiguração acidental do rosto que levou a irmã mais nova a tal extremo de amargura que chegou à monomania...

– Ah, Flora Harris é uma louca, certamente. Ninguém está desafiando seu diagnóstico, doutor.

– Então você está dizendo que foi ela quem... foi *ela* o homem que veio me buscar no meu clube? – a incredulidade do Dr. Watson crescia a cada minuto.

– Sim, de fato. E foi ela quem lhe forneceu aquela desagradável semana em Colney Hatch – Holmes continuou, explicando como a Sra. Pertelote Kippersalt talvez também fosse um pouco louca, pois havia escolhido a irmã em vez do marido, liberando-a do manicômio ao custo da vida dele. O assassinato aparentemente chateou a irmã mais velha, que teve de manter a irmã em rédea curta por um bom tempo. Mas depois a vigilância de Pertelote Kippersalt diminuiu, e Flora Harris conseguiu orquestrar sua vingança contra o médico que havia assinado seus papéis de internação.

– Mas isso é tudo tão absurdamente simples – disse Watson placidamente, mais uma vez largando-se na cadeira, quando tudo havia sido explicado para ele.

– Agora, em retrospecto, sim. Mas no momento... – uma expressão muito estranha sombreou o rosto do grande detetive. E como conforto, Sherlock Holmes pegou seu cachimbo e o encheu de tabaco que retirou de um bolso interno da jaqueta de seu fraque. – No momento – ele admite em voz baixa e tensa – isso simplesmente não me ocorreu.

– Tudo fica bem quando termina bem.

– Em sua grandeza de coração, você não me reprova, meu caro Watson, mas eu me reprovo por negligenciar um caminho óbvio de questionamentos. Você ainda estaria em Colney Hatch se não fosse por minha irmã.

Embora esteja completamente ciente de que Watson saiba da existência de sua irmã – os dois estavam, afinal, presentes na noite em que Enola, vestida num hábito negro de freira, irrompera na casa de Watson com uma mulher quase morta e que precisava da ajuda do médico –, embora tenha havido mais do que oportunidades suficientes, esta é a primeira vez que o grande detetive tem vontade de falar sobre a irmã com seu melhor amigo Watson. Enquanto o delicado tema é introduzido, o bom doutor toma cuidado para não reagir, nem mesmo piscar.

– Ah, sua irmã – ele diz, como se ele e Holmes conversassem sobre Enola de maneira tão rotineira quanto falam sobre a monografia de Holmes acerca da identificação dos diferentes tipos de cinza de cigarro. – O que você acha da sua irmã, Holmes?

Fez-se um silêncio que se estendeu por vários minutos enquanto o grande detetive o encarava, concentrando-se em nada dentro do salão dos cavalheiros do Simpson. Com a expressão mais difícil de entender, responde, por fim:

– Acho que é uma grande pena que ela não confie em mim.

[1] Em português: nunca. (N.T.)

[2] Em português: adj.: cada, todo. / pron.: algum, alguma. (N.T.)

[3] Em português: sempre. (N.T.)

[4] *Holywell* significa, em inglês, “poço sagrado”. (N.T.).

[5] Raça de cavalo. (N.T.)

[6] George Sandism tornou-se um termo para mulher condenada. Insana. Fonte: www.marshfield.r.12.wi/vs George Sand.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

**Cadastre-se no site:
www.novoseculo.com.br
e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.**



Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Perto demais do conforto

Março, 1889

Capítulo primeiro

Capítulo segundo

Capítulo terceiro

Capítulo quarto

Capítulo quinto

Capítulo sexto

Capítulo sétimo

Capítulo oitavo

Capítulo nono

Capítulo décimo

Capítulo décimo primeiro

Capítulo décimo segundo

Capítulo décimo terceiro

Capítulo décimo quarto

Capítulo décimo quinto

Capítulo décimo sexto

Capítulo décimo sétimo

Abril, 1889

Notas

Informações